



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

JOÃO TEIXEIRA ORLANDINI

FORDISMO e FREUDISMO

Psicanálise e política nos escritos de Antonio Gramsci

Campinas

2024

JOÃO TEIXEIRA ORLANDINI

FORDISMO e FREUDISMO

Psicanálise e política nos escritos de Antonio Gramsci

Dissertação apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Mestre em Ciência Política

Orientador: Prof. Dr. Álvaro Gabriel Bianchi Mendez.

**ESTE TRABALHO CORRESPONDE À
VERSÃO FINAL DA DISSERTAÇÃO
DEFENDIDA PELO ALUNO JOÃO TEIXEIRA
ORLANDINI, E ORIENTADO PELO PROF. DR.
ÁLVARO GABRIEL BIANCHI MENDEZ.**

Campinas

2024

FICHA CATALOGRÁFICA

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Neiva Gonçalves de Oliveira – CRB 8/6792

Or5f Orlandini, João Teixeira, 1995-
FORDISMO e FREUDISMO psicanálise e política nos escritos de Antonio Gramsci / João Teixeira Orlandini. – Campinas, SP : [s.n.], 2024.

Orientador: Álvaro Gabriel Bianchi Mendez.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP),
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Freud, Sigmund, 1856-1939. 2. Gramsci, Antonio, 1891-1937. 3. Psicanálise. 4. Ciência política. 5. Capitalismo. 6. Sociologia. I. Bianchi, Álvaro, 1966-. II. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Informações Complementares

Título em outro idioma: FORDISM and FREUDISM psychoanalysis and politics in Antonio Gramsci's writings

Palavras-chave em inglês:

Freud, Gramsci, Psychoanalysis; Political science; Capitalism; Sociology

Área de concentração: Ciência Política

Titulação: Mestre em Ciência Política

Banca examinadora:

Álvaro Gabriel Bianchi Mendez [Orientador]

André Kaysel Velasco e Cruz

Camila Massaro Cruz de Góes

Data de defesa: 19-09-2024

Programa de Pós-Graduação: Ciência Política

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0009-0008-8361-0870>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/2409484218345138>

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIENCIAS HUMANAS

A Comissão Julgadora dos trabalhos de Defesa de Dissertação de Mestrado, composta pelos(as) Professores(as) Doutores(as) a seguir descritos, em sessão pública realizada em 19/09/2024, considerou o candidato João Teixeira Orlandini aprovado.

Prof.Dr. Álvaro Gabriel Bianchi Mendez

Prof.Dr. André Kaysel Velasco e Cruz

Profa.Dra. Camila Massaro Cruz de Góes

A Ata de Defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertações/Teses e na Coordenadoria do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

DEDICATÓRIA

Esta dissertação é dedicada a duas pessoas.

A primeira delas, Cândida Maria Teixeira. Uma trabalhadora da Universidade Estadual de Campinas, uma das que viu as Humanidades na universidade nascer, ganhar seu Instituto e ser dividida na configuração que hoje conhecemos. Mas, além de tudo isso, ela foi minha tia Canda, que faleceu durante a pandemia de COVID-19 em 2020. A sua vida foi uma fonte constante de inspiração para mim. Seja pelo seu time do coração, o Corinthians, cujo atual momento não permite fazer mais comentários sem perder a compostura, seja pela sua imensa generosidade, carinho e presença, que, dentre outras coisas, me permitiram ter acesso aos materiais fundamentais para a realização desse trabalho. Mas também pela sua história dentro da Universidade, do início do seu trabalho, passando pela sua expulsão em meio à intervenção da Ditadura Militar, até sua reintegração. Parte da minha formação veio dela, e assim continuará aqui mesmo na sua ausência. Dedico esta dissertação à sua memória.

A segunda pessoa é um outro Antonio. Não o italiano, mas um brasileiro com ascendência italiana que hoje em dia ainda está aprendendo a engatinhar e não faz a menor ideia de que seu nome vem em parte do comunista sardo nascido 133 anos atrás. Dedico esse trabalho também a você, Antonio Smania Orlandini, também conhecido como meu filho.

AGRADECIMENTOS

A dissertação de Mestrado que segue foi desenvolvida dentro do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Dessa maneira, agradeço à Unicamp e a CAPES pelo suporte e pelos recursos que possibilitaram a realização desta pesquisa.

A conclusão deste trabalho representa o final de uma breve jornada desafiadora e gratificante, que não teria sido possível sem o apoio, orientação e incentivo de muitas pessoas, a quem gostaria de expressar minha mais profunda gratidão.

Primeiramente, meu muito obrigado aos professores e às professoras, funcionários e funcionárias do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. As aulas inspiradoras, debates enriquecedores e o ambiente acadêmico vibrante que me acompanharam desde o início da minha graduação, em 2015, proporcionaram uma base sólida para a minha formação. Agradeço também o Laboratório do Pensamento Político, o PEPOL, e em especial o professor André Kaysel e a professora Daniela Mussi.

Muito obrigado aos meus colegas de curso, Alma, Marcos, Michel e Fernanda, muito obrigado pelo companheirismo e pelas discussões estimulantes nos nossos grupos de estudo na antiga sala do CEMARX. Aos meus amigos, Bruno Fernandes, Gabriela Alvarenga e Arthur Zaratini pela compreensão e pelo apoio nos momentos de pressão e pelas palavras de incentivo que um geógrafo, uma antropóloga e um sociólogo deram e que me ajudaram a seguir em frente.

Letícia Smania, Francisco Carlos, Maria Teixeira e Francisco Orlandini, minha família, que aqui eu agradeço por toda a ajuda que me foi oferecida nesses últimos quatro anos. Inúmeras leituras, releituras do meu trabalho,

conversas de apoio, materiais de pesquisa e até mesmo uma foto de casa em que Gramsci morou durante sua estadia em Viena.

Por fim, agradeço gostaria de agradecer ao meu orientador, Alvaro Bianchi. A sua orientação, paciência e apoio foram cruciais para o desenvolvimento deste trabalho. Sua capacidade de me guiar durante momentos ordinários, mas também durante uma pandemia e, por fim, durante uma retomada desse trabalho após um longo período de afastamento meu, foi fundamental para a realização desta pesquisa. Agradeço também pela sua confiança no meu trabalho, sua paciência, sua paciência e também pela sua paciência

RESUMO

A dissertação a seguir se propõe a analisar a relação entre a psicanálise e o pensamento político de Antonio Gramsci, em especial como ele a entende lidando com questões de seu âmbito pessoal como também de sua pesquisa carcerária. Buscando entender como o marxista sardo está situado no momento de emergência da psicanálise na Itália, olhando a influência de Sigmund Freud e outros teóricos contemporâneos que mobilizam a teoria psicanalítica em seus trabalhos, essa pesquisa também se debruça sobre a questão de *se* ou *como* Gramsci incorpora elementos psicanalíticos em sua reflexão sobre a sociedade capitalista, especialmente no contexto do Americanismo e Fordismo. A dissertação explora a importância da subjetividade e da conformação da individualidade em meio às transformações nos meios de produção, também abordando a influência da psicanálise no âmbito familiar de Gramsci, a relação entre Americanismo, Fordismo e psicanálise, especificamente sobre a conformação de uma nova hegemonia sobre a sociedade e as tensões na dimensão psicológica do indivíduo nesse processo, e a difusão da teoria freudiana na Itália.

Palavras chave: Freud, Gramsci, Psicanálise; Ciência Política; Capitalismo; Sociologia

ABSTRACT

The following dissertation sets out to analyze the relationship between psychoanalysis and Antonio Gramsci's political thought, in particular how he understood it when dealing with issues from his personal sphere as well as his prison research. Seeking to understand how the Sardinian Marxist is situated at the moment of the emergence of psychoanalysis in Italy, looking at the influence of Sigmund Freud and other contemporary theorists who mobilize psychoanalytic theory in their work, this research also looks at the question of whether or how Gramsci incorporates psychoanalytic elements into his reflection on capitalist society, especially in the context of Americanism and Fordism. The dissertation explores the importance of subjectivity and the formation of individuality in the midst of transformations in the means of production, also addressing the influence of psychoanalysis in Gramsci's family, the relationship between Americanism, Fordism and psychoanalysis, specifically on the formation of a new hegemony over society and the tensions in the psychological dimension of the individual in this process, and the diffusion of Freudian theory in Italy.

Keywords: Freud; Gramsci; Psychoanalysis; Political science; Capitalism; Sociology

LISTA DE ABREVIACÕES NAS CITAÇÕES DE ANTONIO GRAMSCI

LC - Lettere dal Carcere - org. Antonio A. Santucci, Palermo, Sellerio, 1996.

Qa - Quaderni del Carcere - Edizione Anastatica dei Manoscritti. A cura di Gianni Francioni. Istituto Della Enciclopedia Italiana e L'Unione Sarda, 2009.

Q - Quaderni del Carcere - Edizione Critica dell'Istituto Gramsci. A cura di Valentino Gerratana. Turim: Einaudi, 1977.

Qn - Quaderni del Carcere - Edizione Nazionale degli Scritti di Antonio Gramsci. A cura di Giuseppe Cospito, Gianni Francioni e Fabio Frosini, Roma: Istituto Della Enciclopedia Italiana, 2017. Tomo 1

Qt - Quaderni di Traduzioni - Edizione Nazionale degli Scritti di Antonio Gramsci. Quaderni di Traduzioni (1929-1932). A cura di Giuseppe Cospito, Gianni Francioni e Fabio Frosini, Roma: Istituto Della Enciclopedia Italiana, 2007. Tomos 1 e 2.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1: A PSICANÁLISE NAS LETTERE	
GRAMSCI E GIULIA: A PSICANÁLISE NO ÂMBITO FAMILIAR E A SUBJETIVIDADE NA POLÍTICA	18
CAPÍTULO 2: A PSICANÁLISE NOS QUADERNI	55
GRAMSCI E FREUD: AMERICANISMO E FORDISMO	55
GRAMSCI E FREUD: A LITERATURA	71
CAPÍTULO 3: CONCLUSÃO	79
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	82

INTRODUÇÃO

A reflexão do pensador italiano Antonio Gramsci sobre a psicanálise de Sigmund Freud, contida tanto em seus escritos carcerários, os *Quaderni del Carcere* [*Cadernos do Cárcere*], quanto em sua troca de correspondências durante a prisão, as *Lettere dal Carcere* [*Cartas do Cárcere*], é a temática desta dissertação, que teve início em uma pesquisa de iniciação científica, em 2017. De modo geral, o trabalho realizado procurou explorar, no interior do pensamento político de Gramsci, as relações entre o indivíduo e as transformações nos meios de produção da sociedade capitalista no início do século XX, focando no que o marxista sardo denomina Americanismo e fordismo – que significa a união do estabelecimento de um novo tipo de produção com mudanças no modo de conduzir a vida íntima dos trabalhadores, ou seja, para além do âmbito fabril. Nesse sentido, a pesquisa teve o objetivo principal de compreender a conformação de uma individualidade em um contexto de conformação de uma nova hegemonia sobre a sociedade, bem como as tensões sobre a dimensão psicológica do indivíduo que esse processo ocasiona. Em outras palavras, buscamos entender, dentro de uma perspectiva gramsciana, como se passou o processo de mudança no modo de vida dos indivíduos na medida em que a classe dirigente exercia sua nova forma de domínio dirigindo tais indivíduos de acordo com sua visão de mundo.

Dessa forma, o pensamento político de Antonio Gramsci aparece aqui como o objeto de pesquisa. No que diz respeito ao aspecto material desse objeto, a apresentação de sua reflexão foi feita a partir de diferentes materiais deixados por ele, e a atenção especial para a relação entre eles, o que, em termos práticos, significou realizar um trabalho da reconstrução do ritmo de pensamento de Gramsci, lançando mão de uma série de pesquisas paralelas para melhor decifrar suas ideias; seja através de uma intensa busca pelas fontes utilizadas por ele, ou pelo aprofundamento em questões contextuais de uma época que são, por vezes implícita, por vezes explicitamente evocadas pelo texto. Dito de outro modo, a realização desse trabalho se deu através da

Filologia, que toma o pensamento de Gramsci enquanto um objeto de pesquisa. Dessa forma, a reconstrução filológica do ritmo de pensamento gramsciano não significa escolher quais são os parágrafos relevantes para provar um determinado argumento estudado e descartar todo o resto por não corroborar o ponto proposto, mas, sim, significa uma exploração de toda a obra gramsciana, estando atento para suas nuances, as alterações em sua argumentação, suas conexões e suas lacunas, e, em suma, a maneira pela qual a reflexão gramsciana transcorreu ao longo de seus anos no cárcere fascista (BUTTIGIEG, 1990, p. 80-1).

Sendo assim, os principais materiais utilizados foram as três edições dos *Cadernos do Cárcere* – Edição Crítica (GRAMSCI, 1975), Edição Anastática (GRAMSCI, 2009), e a Edição Nacional (GRAMSCI, 2017) – e duas edições das *Cartas do Cárcere*, uma que contempla todas as cartas escritas por Gramsci (GRAMSCI, 1996), e outra que mostra a troca de cartas entre Gramsci e Tatiana Schucht, sua cunhada (GRAMSCI e SCHUCHT, 1997). Sobre as edições dos *Cadernos*, a seleção foi feita priorizando a busca pelo texto integral de Gramsci, o que deixa de fora a primeira publicação dos escritos carcerários, de 1948, organizada na Itália por Palmiro Togliatti. Essa edição é considerada problemática por reorganizar os textos de Gramsci de forma temática, além de criar uma chave de leitura através da adição de prefácios aos volumes, o que resulta na transformação dos escritos em uma obra acabada; dela, veio a primeira tradução para o português, organizada por Carlos Nelson Coutinho.

A Edição Crítica, por vezes referenciada por Edição Gerratana, foi organizada por Valentino Gerratana e publicada pela editora italiana Einaudi em 1975. Essa edição reuniu pela primeira vez a maioria dos escritos, dividindo-os entre *Cadernos Miscelânea*, o conjunto dos cadernos de 1 a 9, 14, 15 e 17, que reuniam notas sobre temas variados, e *Cadernos Especiais*, que, por sua vez, reuniam cadernos monotemáticos, indo do 10º ao 13º, mais o 16º, e do 18º ao 29º. Além disso, fora estabelecida a classificação dos textos de acordo com sua redação, sendo *textos A* os de primeira redação, *textos B* os de redação única e, por fim, *textos C* que reúnem os textos de segunda redação. Entretanto, essa

edição acabou por deixar de fora os *Quaderni di Traduzioni* [Cadernos de Tradução], que são os exercícios de tradução do russo, alemão e inglês feitos por Gramsci na cadeia, –, e também não considerar um fator relevante em sua organização dos textos: a cronologia nada linear de composição dos cadernos e suas notas (BUTTIGIEG, 2019). Em outras palavras, os textos são dispostos com base na datação, da cronologia dos cadernos, e não das notas que compõe cada um. Como afirma Bianchi (2019), é necessário estar atento à simultaneidade da escrita de diversos cadernos, bem como ao fato de que Gramsci, por exemplo, pulava as folhas iniciais de um cadernos, somente para depois escrevê-las; e é por isso que, “uma vez que se trata de uma obra inacabada e aberta, a sequência cronológica das notas tornou-se de grande importância para revelar o ritmo do pensamento, identificar ênfases e estabelecer as formulações mais elaboradas” (*Ibid.*, p. 11).

Por essa razão, foi realizado um novo projeto editorial, conhecido como a *Edizione Nazionale degli scritti di Antonio Gramsci*, ou Edição Nacional, organizada por Gianni Francioni, que nos apresenta, de um lado, a primeira publicação dos *Quaderni di Traduzioni* [Cadernos de Tradução], e, de outro, as notas pela ordem cronológica de sua escrita, nos permitindo olhar para a história interna dos Cadernos (BIANCHI, 2019) e explorar o ritmo e a construção do pensamento gramsciano com maior precisão. Além disso, o projeto da Edição Nacional contempla o epistolário de Gramsci antes e durante sua prisão, bem como seus escritos pré-carcerários. Até o presente momento, janeiro de 2021, foram publicados os cadernos 1, 2, 3 e 4, e os cadernos de tradução A, B, C, D, 7 e 9, além dos escritos pré-carcerários entre 1910 e 1917, e o epistolário entre 1906 e 1923. É importante ressaltar, inclusive, que as edições Crítica e Nacional vêm acompanhadas de um aparato crítico que enriquece a compreensão de cada parágrafo na medida em que referencia obras, pessoas, acontecimentos e eventos citados implícita ou explicitamente por Gramsci em sua escrita.

Por fim, utilizo a edição publicada em 2009 pela L'Unione Sarda na Itália, conhecida como Edição Anastática, o mais próximo que temos de uma edição *fac-símile*, e que não pode ser considerada enquanto tal por não mostrar

algumas características físicas como a cor da tinta, qualidade do papel, variação do tamanho dos cadernos individuais (BUTTIGIEG, 2019). Ainda assim, é um material de pesquisa primoroso por permitir olhar uma reprodução por fotocópia dos cadernos, além de possuir notas introdutórias discricionárias sobre cada um dos 29 cadernos.

Essa seleção de edições é mobilizada em conjunto em razão de uma das particularidades dos escritos de Gramsci: o resultado material de sua reflexão carcerária não é um livro acabado, mas, sim, notas

“provisórias e escritas ao correr da pluma: elas devem ser revistas e controladas minuciosamente porque certamente contêm inexatidões, anacronismos, falsas aproximações etc., que não implicam danos, porque as notas têm apenas a missão de rápido pró-memória” (Q. 4, § 16, p. 438).

Nesse sentido, trabalhar com o pensamento de Gramsci significa ter como ponto de partida a noção de que os textos gramscianos não são um trabalho sistemático, mas um trabalho que pode parecer fragmentado à primeira vista, que é revisto continuamente, modificado pela supressão ou adição de novos elementos, mas que carrega em seu labirinto uma ordem secreta, oculta e harmoniosa (FRANCIONI, 1984, p. 22). Mas também é preciso estar atento para o que Buttigieg (1990, p. 64) nos chama atenção: as notas reescritas, sejam elas com ou sem alterações substantivas em relação a sua elaboração original, produzem por si só um novo sentido pelo local no qual foram reelaboradas; em outras palavras, os apontamentos antes inseridos em um conjunto de notas miscelâneas, de assuntos diversos, em sua reelaboração passam a integrar um conjunto mais íntegro de notas, de um assunto mais delimitado e organizado tematicamente, e seu significado torna-se mais compreensível no interior da reflexão gramsciana. Ou seja, existem assuntos tratados ao longo dos Cadernos que podem parecer, em um primeiro momento, independentes, mas foram unificados posteriormente na reelaboração das notas carcerárias (COSPITO, 2011).

Tome as notas sobre Freud, por exemplo. Em um primeiro momento, estão espalhadas ao longo de Cadernos Miscelâneas. Em seguida, de um lado,

são reescritas em Cadernos Especiais, no qual o interesse de Gramsci em relação a Freud é refinado e inserido com maior profundidade em sua reflexão sobre as mudanças no modo de produção capitalista e na vida dos trabalhadores, encabeçadas pelo *Americanismo e fordismo*: a reflexão sobre o modo de produção capitalista ganha também um aspecto psicológico. Por outro lado, Freud é inserido dentro do movimento de revisionismo do marxismo, particularmente o levado a cabo pelo belga Henri DeMan, que utiliza a teoria freudiana como ferramenta de elaboração de uma teoria social que põe à margem a teoria marxista com o intuito de superá-la.

Frente a isso, a análise feita durante minha pesquisa começou com uma atenção especial para o monotemático Caderno 22, denominado *Americanismo e fordismo*, no qual Gramsci se debruça sobre as mudanças no processo produtivo vindas a partir do modelo fordista de produção, e suas implicações para os trabalhadores, que tiveram que se adaptar às novas condições de trabalho. Nesse caderno, encontram-se as notas sobre psicanálise com maior desenvolvimento, na medida em que Gramsci incorpora o aspecto psicológico dos trabalhadores em sua análise. Mas, em termos cronológicos, essas são uma das últimas menções à psicanálise. Por essa razão, o foco foi o de encontrar o caminho que levou ao desfecho encontrado em *Americanismo e fordismo*, passando por notas pouco desenvolvidas, difusas entre os Cadernos 1, 3, 4, 7, 10, 11, 15, e extrapolando as fronteiras dos *Cadernos* para chegar em eventos da vida pessoal de Gramsci, conforme expostos nas *Cartas*. Aliás, como será mostrado no próximo capítulo, o fato da companheira de Gramsci, Giulia Schucht, ter passado por uma crise depressiva que culminou na procura por um tratamento psicanalítico na União Soviética (VACCA, 2012) foi o estopim da reflexão gramsciana sobre psicanálise.

Com isso, os próximos capítulos seguirão o seguinte rumo: o primeiro capítulo, *Gramsci e Giulia: a psicanálise no âmbito familiar*, terá como foco a exploração das correspondências entre Antonio Gramsci, Tatiana Schucht, sua cunhada, e Giulia Schucht, sua companheira, entre o final de 1929 até a segunda metade de 1932, destacando os movimentos pendulares entre a comunicação

com sua família e notas feitas nos *Cadernos*, ao passo que será apresentado um aspecto fundamental dessa reflexão: suas fontes psicanalíticas; o segundo capítulo focará na psicanálise nos *Cadernos*. A primeira parte, *Gramsci e Freud: Americanismo e fordismo*, terá como foco as notas do Caderno 22, demonstrando como a psicanálise é situada em uma reflexão gramsciana cuja dimensão preponderante é propriamente política; a segunda parte, *Gramsci e Freud: a Literatura*, será centrado nas notas dos *Cadernos* que dizem respeito à difusão da teoria psicanalítica na Itália, demonstrando também como elas são um reflexo do contexto político-intelectual italiano durante as três primeiras décadas do século XX, no qual a psicanálise ocupou uma posição secundária; o terceiro e último capítulo, vem com o propósito de retomar os pontos mais relevantes da exposição e encerrá-la. Agora, antes de finalmente apresentar o que um marxista sardo tem a dizer sobre a psicanálise, deixo o convite para qualquer pessoa que tenha o interesse de conhecer, venha estudar e pensar com Antonio Gramsci. Como Guido Liguori escreveu a mim ao assinar sua dedicatória na edição brasileira do Dicionário Gramsciano:

Perchè Gramsci ci serve e dobbiamo studiarlo!

[Porque precisamos de Gramsci e devemos estudá-lo!]

CAPÍTULO 1: A PSICANÁLISE NAS *LETTERE*

GRAMSCI E GIULIA: A PSICANÁLISE NO ÂMBITO FAMILIAR E A SUBJETIVIDADE NA POLÍTICA

O meu temperamento foi sempre animado

e o meu lema sempre foi:

‘pessimismo da razão, otimismo da vontade’.

Lhe abraço com ternura. Antonio.

Antonio Gramsci à Tatiana Schucht,

06 de novembro de 1932.

Pessimismo da razão, otimismo da vontade. Essa máxima acompanhou Gramsci em diversos momentos de sua vida, desde seus escritos anteriores ao cárcere, indo de sua troca de correspondências com seus familiares e até às notas dos Cadernos do Cárcere (SPRIANO, 1984). É sabido, inclusive, de quem Gramsci tomou emprestado o lema: no artigo *Discorso agli anarchici [Discurso aos anarquistas]*, não assinado, mas de autoria atribuída à Gramsci¹, do periódico italiano *L’Ordine Nuovo*, contata-se a primeira vez² que a frase é escrita pelo marxista sardo. Referindo-se de modo amplo à concepção socialista do processo revolucionário, escreve Gramsci em abril 1920:

“A concepção socialista do processo revolucionário é caracterizada pelas duas notas fundamentais que Romain Rolland resumiu em seu lema de ordem: pessimismo da razão, otimismo da vontade” (GRAMSCI, 1920, p. 340).

A origem desse lema de ordem veio à luz no dia 19 de março de 1920, quando o jornal francês *L’Humanité* publicou a resenha de Rolland sobre a obra de Raymond Lefevbre, *Le Sacrifice d’Abraham*, escrita em 14 de março. Nela, o francês ganhador do Prêmio Nobel de Literatura escreve:

¹ Paolo Spriano, em *Come quella ‘massima’ arrivò fino a Gramsci* (SPRIANO, 1984), afirma que tal artigo foi escrito por Gramsci, que era o secretário de redação do periódico.

² Constatação feita também por Paolo Spriano.

“Já disse o suficiente para mostrar neste livro um artista com um grande futuro. Mas o que mais gosto em Raymond Lefevbre é a aliança íntima - que, para mim, faz o verdadeiro homem - do *pessimismo da razão* que permeia toda a ilusão, e o *otimismo da vontade*, daquele valor natural que é a flor de uma boa raça e que, não só ‘não precisa de esperar empreender e ter sucesso para preservar’, mas que ri em combate, sobre o sofrimento, a dúvida, o sopro do nada” (ROLLAND, 1920, p. 2 - *grifos meus*).

Anos depois, enquanto prisioneiro do regime fascista de Mussolini, Gramsci escreve ao seu irmão Carlo, no dia 19 de dezembro de 1929, afirmando que seu “ânimo sintetiza esses dois sentimentos e os supera: sou pessimista com a razão, mas otimista com a vontade” (LC, p. 298). Em novembro de 1932, tem-se a carta à sua cunhada Tatiana Schucht, destacada em minha epígrafe. Mas existe um ponto de quebra no estado de espírito de Gramsci quando, em maio de 1933, escreve novamente à Tatiana refletindo sobre sua vida no cárcere, bem como a degradação de sua saúde física.

A saúde de Gramsci fora uma questão de suma importância durante seus anos no cárcere. Aliás, dos 11 anos que passou em reclusão, os últimos quatro foram passados em clínicas; os primeiros sete foram divididos entre a ilha de Ustica, onde ficaria por 44 dias, o presídio de San Vittore em Milão, entre fevereiro de 1927 e junho de 1933, e, por fim, após sua condenação de 20 anos, 4 meses e cinco dias de prisão, o presídio de Turi, onde ficaria até o ano de 1933 (FIORI, 1979).

Esse ano marca o momento em que Gramsci começa a morrer lentamente (*Ibid.*, p. 339). Sofrendo de tuberculose óssea – doença também conhecida por Mal de Pott –, crises de vertigem e distúrbios gástricos, sua saúde permaneceu em contínua deterioração, o que ocasionou sua transferência para uma clínica em Formia (FIORI, 1979). Portanto, não é à toa a percepção do ofuscamento do otimismo de Gramsci frente a realidade que lhe era imposta. No dia 29 de maio, o marxista sardo aparentava abandonar seu lema, marcando a última vez que retoma a frase de Rolland:

“Até há algum tempo eu era, por assim dizer, pessimista com a razão e otimista com a vontade. Ou seja, embora tenha visto com lucidez todas as condições desfavoráveis e fortemente desfavoráveis a qualquer melhoria da minha situação (como geral, no que diz respeito à minha posição legal, como particular, no que diz respeito à minha saúde física imediata), pensei no entanto que com um esforço racionalmente conduzido, conduzido com paciência e cautela, sem negligenciar nada na organização dos poucos elementos favoráveis e na tentativa de imunizar os muitos elementos desfavoráveis, se tivesse sido possível obter algum resultado apreciável, obter pelo menos a possibilidade de viver fisicamente, parar o terrível consumo de energia vital que me está progressivamente a prostrar. Hoje já não penso mais assim.” (LC p. 717).

Dois anos depois, em 1935, Gramsci foi transferido para uma nova clínica em Roma, onde permaneceu até sua morte, na madrugada de 27 de abril de 1937, com apenas 46 anos (VACCA, 2012).

Com a origem do que se tornou um *lema gramsciano* em mente, é interessante voltar a atenção para um aspecto da vida de Rolland. O autor do lema era amigo de um austríaco que passou a se dedicar ao estudo da psique dos indivíduos, Sigmund Freud. Freud e Rolland mantiveram uma relação de amizade através da troca de correspondências que teve início em 1923, mas foi a partir do diálogo entre os dois quatro anos depois, no final de 1927, que o contato extrapolou o âmbito da amizade e originou frutos para o desenvolvimento da teoria psicanalítica (FISHER, 1976 *apud* GAY, 1989). Afirmação essa que, todavia, foi feita não apenas *a posteriori* por seu biógrafo, mas também pelo próprio Freud em sua obra *Das Unbehagen in der Kultur [O Mal-Estar na Civilização]*. Publicado em 1930, o livro tem logo em seus primeiros parágrafos, o destaque de Freud para a *excepcionalidade* de um *amigo declarado*, porém não identificado, que discutiu sobre a noção de religião enquanto uma *ilusão* através da troca de correspondências:

“Eu lhe enviara a pequena obra em que trato a religião como ilusão, e ele respondeu que estava de acordo com o meu juízo sobre a religião, mas lamentava que eu não tivesse apreciado corretamente a fonte da religiosidade. Esta seria um sentimento peculiar, que a ele próprio jamais

abandona, que ele viu confirmado por muitas pessoas e pode supor existente em milhões de outras. Um sentimento que ele gostaria de denominar sensação de ‘eternidade’, um sentimento de algo ilimitado, sem barreiras, como que ‘oceânico’” (FREUD, 2010, p. 15).

Continuando, Freud afirma o apontamento desse sujeito enquanto o ponto de partida de sua reflexão, e, com isso, a obra segue seu desenvolvimento argumentativo:

“Com base apenas nesse sentimento oceânico alguém poderia considerar-se religioso, ainda que rejeitasse toda fé e toda ilusão. Tal manifestação de um amigo que reverencio, e que já apreciou ele mesmo poeticamente a magia da ilusão, trouxe-me dificuldades de alguma monta” (FREUD, 2010, p. 15).

Em 1931, entretanto, Freud acrescentou uma nota³ à essa passagem, que diz: “não preciso mais esconder que o amigo de que falo no texto é Romain Rolland” (*Ibid.*, *Idem*). Assim, curiosamente, nota-se que Gramsci emprestou o lema de um alguém que tornar-se-ia amigo de Freud e, também, foi responsável pelo desenvolvimento de sua teoria psicanalítica.

Optei aqui por destacar esse caso como um exemplo dos contatos indiretos de Gramsci com Freud, que vão se repetindo ao longo de seu período carcerário. Nos *Cadernos*, suas notas e apontamentos sobre psicanálise e Freud oscilam entre comentários sobre a difusão literária da psicanálise na Itália, e uma reflexão propriamente política, centrada no âmbito de sua reflexão sobre o chamado Americanismo e fordismo, suas notas sobre o novo modo de organização da produção industrial originada nos Estados Unidos, e seus impactos na vida particular dos trabalhadores. Porém, a psicanálise no pensamento gramsciano aparece primeiramente na troca de cartas com sua cunhada, Tatiana Schucht, sobre a saúde de Giulia Schucht, sua companheira. Sendo essa a origem de sua reflexão, é por esse aspecto que debruçar-me-ei em primeiro lugar.

³ A edição utilizada no presente trabalho, publicada pela Companhia das Letras em 2010, coloca essa informação logo em seguida da nota citada.

1.1) Gramsci, Tatiana e Giulia

Buscar analisar a presença da psicanálise na relação entre Gramsci e as irmãs Schucht no período carcerário do sardo implica voltar a atenção para a troca de cartas entre os três, especificamente a partir de 18 de novembro de 1929, quando Gramsci escreve à Tatiana⁴, sobre a falta de respostas às cartas que havia escrito para Giulia:

“Giulia ainda não me escreveu, depois de tanto tempo. Isto me magoa. Não pode tratar-se apenas de falta de tempo. Há cerca de quatro meses que não me escreve e nesse meio tempo lhe escrevi duas vezes sem receber resposta [...] Já não seria capaz de lhe escrever sem antes ter recebido algumas notícias diretas dela” (LC, p. 292).

Como nos elucida Vacca (2012), até esse momento, a comunicação entre Gramsci e Giulia era regular, por isso o estranhamento com quatro meses de silêncio de sua companheira – que se estenderia até o final de dezembro. Com o que aparenta ser o intuito de amenizar as preocupações de Gramsci, Tatiana lhe responde no dia 29 de novembro contando que ele receberá notícias de Giulia em breve, além de transcrever um pequeno bilhete que havia recebido da irmã:

“Caro, você já terá recebido a carta de Giulia, para mim ela escreveu textualmente as seguintes palavras: 'querida, estou com muita pressa, todos estão de boa saúde, escreva, nós te amamos muito, muito, G.'. Muito lacônico. Estou convencido de que em Moscou eles sofrem demais por receberem poucas notícias” (SCHUCHT, 1997, p. 425).

Assim, Tania se desculpa por ainda não ter encaminhado as cartas que Gramsci escrevera para Giulia, mas afirma sua dúvida em enviar a carta de 18 de novembro, por acreditar que faria mal à sua irmã. Quase um mês depois, no dia 20 de dezembro, Tania escreve um pequeno bilhete à Gramsci em anexo à uma carta que Giulia escrevera para seu companheiro, enviando quatro dias depois uma foto de Giulia para ele (*Ibid.*, p. 428-9). A carta de Giulia é

⁴ Em vezes, a cunhada de Gramsci é referida como Tatiana, em outras, como Tania, que era seu apelido. Trata-se de a mesma pessoa.

desconhecida, mas é possível ter uma ideia de seu conteúdo a partir da resposta de Gramsci, escrita em 29 de dezembro.

Nela, nota-se Gramsci tratando muito sobre o crescimento de seu filho, Delio, o qual julga ter um desenvolvimento intelectual muito infantil para sua idade – pouco mais de cinco anos – quando em comparação ao seu desenvolvimento na mesma idade (LC, p. 300). Assim, Gramsci afirma que, com base no que foi informado por Giulia, ele teve

“a impressão de que sua concepção e a de outros de sua família é muito metafísica, ou seja, pressupõe que na criança o homem inteiro está no poder e que é necessário ajudá-lo a desenvolver o que já está latente nele, sem coerção, deixando-o para as forças espontâneas da natureza ou o que quer que seja” (*Ibid.*, p. 301).

Essa passagem é interessante, pois, Gramsci aparenta partir de considerações sobre o desenvolvimento de Delio para expor sua concepção do desenvolvimento geral dos indivíduos, que vai na direção contrária do que entende ser a concepção de Giulia:

“penso que o homem é tudo uma formação histórica obtida por coerção (entendida não apenas no sentido brutal da violência externa) e isto é tudo o que penso: que de outra forma cairíamos numa forma de transcendência ou imanência. O que se acredita ser força latente é, em sua maioria, nada mais que o complexo formidável e indistinto de imagens e sensações dos primeiros dias, dos primeiros meses, dos primeiros anos de vida, imagens e sensações que nem sempre são as melhores que se quer imaginar. Esta forma de conceber a educação como um bombardeio de um fio condutor pré-existente teve sua importância quando se opôs à escola jesuítica, ou seja, quando negou uma filosofia ainda pior, mas hoje está igualmente ultrapassada. Renunciar a formar a criança significa apenas permitir que sua personalidade se desenvolva recebendo caoticamente do ambiente geral todos os motivos da vida” (*Ibid.*, p. 301-2).

Percebe por essas linhas, então, uma crítica de Gramsci à livre-formação dos indivíduos em sua infância e a necessidade de uma orientação, de uma coerção não bruta e não violenta para que o sujeito não construa sua personalidade de

forma caótica. Para encerrar sua linha de raciocínio, Gramsci introduz pela primeira vez a discussão sobre a psicanálise de forma explícita:

“É estranho e interessante que a psico-análise de Freud esteja criando, especialmente na Alemanha (com base nas revistas que leio), tendências semelhantes àsquelas existentes na França dos anos 1700; vai se formando um novo tipo de ‘bom selvagem’ corrompido pela sociedade, isto é, pela história. Nasce uma nova forma de desordem intelectual muito interessante. Sua carta me fez pensar em todas essas coisas” (*Ibid*, p. 302).

A meu ver, além de identificar as notícias sobre Delio como o ponto de partida para o pensamento gramsciano sobre a psicanálise, existe uma conexão feita entre as primeiras impressões de Gramsci sobre a psicanálise e a maneira pela qual seu filho estava sendo criado, ou seja, entender no desenvolvimento de Delio o reflexo de um ‘bom selvagem’, de um sujeito inserido em um processo de desenvolvimento em uma sociedade que o corrompe; a criação de Delio seria uma amostra das *tendências* oriundas da difusão da teoria freudiana. Além disso, uma pequena afirmação merece ser amplamente explorada: quais são as revistas lidas por Gramsci que tratam sobre a teoria freudiana?

Uma pista promissora pode ser a revista florentina *La Voce*⁵, citada diversas vezes por Gramsci em suas cartas e nos *Cadernos* (Q., p. 3160). Fundada por Giuseppe Prezzolini, em atividade entre os anos de 1908 e 1916, a revista era conhecida por Gramsci muito antes de seu período carcerário; em verdade, o intenso contato de Gramsci com *La Voce* remonta a sua chegada em Turim para cursar Letras, em 1911, vindo da Sardenha, sua terra-natal (MUSSI, 2020, p. 67). Em fevereiro de 1910, o periódico teve uma edição especial que reunia um dossiê intitulado *La Questione Sessuale [A Questão Sexual]*. Esse exemplar recebe aqui atenção especial em razão de ser uma das primeiras publicações que tratavam de Freud na Itália, além de conter diversos autores conhecidos e mencionados por Gramsci nos escritos carcerários – como o idealista francês Georges Sorel, jornalista Giovanni Amendola, crítica de arte e jornalista Margherita Sarfatti, dentre outros (Q., p. 3364, 3324, 3363) – e ter tido

⁵ Detalhes sobre a origem, corpo editorial e história, de modo geral, da *La Voce*, ver Mussi (2020).

uma grande repercussão no debate italiano sobre a *Questão Sexual*, como será mostrado adiante. Vejamos alguns destaques dessa edição de *La Voce*.

O artigo que abre a edição é *Il valore sociale della castità* [*O valor social da castidade*], de Sorel. Dele, destaco a afirmação do idealista francês de que a castidade aparece como a solução dos conflitos da sociedade moderna: a “vitória que porá fim à formidável luta contra o mundo burguês dependerá, em boa parte, do respeito que o mundo operário terá conquistado com a austeridade de seus costumes sexuais” (SOREL, 1910, p. 259); afirmação essa que vem em decorrência da ‘lei psicológica’ de Sorel, na qual só se pode conhecer bem um indivíduo quando se conhece bem sua vida sexual (*Ibid.*, *idem*).

Em sequência, o psiquiatra suíço Auguste Forel escreve *Due parole sulla questione sessuale* [*Dois palavras sobre a questão sexual*], onde defende a necessidade de uma reforma ética para educar os jovens com base nas conclusões de seu trabalho anterior, *Etica sessuale: Esempi di conflitti etici e sessuali presi dalla vita* [*Ética sexual: exemplos de conflitos éticos e sexuais tirados da vida*], as quais chama de os ‘dez mandamentos da questão sexual’; dentre eles, temos a defesa da equiparação jurídica entre filhos legítimos e ilegítimos, assim como das mães casadas com as solteiras; igualdade jurídica completa entre homens e mulheres; celeridade nos processos de um casamento, bem como a facilitação dos divórcios; a regulamentação da procriação enquanto um dever ético do cidadão (SOREL, 1910, p. 259).

O senador italiano Pio Foà, por sua vez, em *Idealità giovanili* [*Ideais da juventude*], escreve sobre como a luta contra os instintos é a grande questão da vida moral dos indivíduos, e, uma vez que os instintos devem ser controlados, é preciso inserir uma educação dos sentimentos, da vontade e da fantasia – um auxílio externo – para superar tal questão (FOÀ, 1910, p. 260). Giovanni Amendola, em *La morale sessuale* [*A moral sexual*], coloca a questão sexual como uma questão social, entendendo que a moral sexual deve sempre ter como norte o progresso da sociedade (AMENDOLA, 1910, p. 264).

Em *Le idee di Sigmund Freud sulla sessualità* [As ideias de Sigmund Freud sobre a sexualidade], Roberto Assagioli apresenta um resumo da obra de Freud, *Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie* [Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade], de 1905. Além disso, Assagioli define a psicanálise enquanto um método especial, “engenhoso e complexo para explorar o subconsciente e para se livrar das condições anormais que impedem o funcionamento harmônico da psique nos pacientes” (ASSAGIOLI, 1910, p. 262). Assim, Assagioli passa a explorar as ‘condições anormais’, definindo-as como os sintomas nervosos resultantes do conflito entre a consciência e os instintos; desse conflito, ou os instintos prevalecem, ou são inibidos. No caso da inibição, segundo Assagioli, tem-se dois cenários possíveis: um é quando a inibição é feita através de uma repressão forçada, que ocasiona em um ‘estado mórbido’ no indivíduo, também conhecido como ‘crises nervosas’; o outro é quando a inibição é feita pela sublimação dos instintos, ou seja, pelo deslocamento de sua energia para outras atividades, principalmente atividades artísticas (*Ibid.*, *idem*).

Como é possível apreender das passagens acima, uma temática intimamente relacionada à questão sexual é a castidade, regulamentação da procriação, o controle dos instintos, em suma, a regulamentação da vida sexual dos indivíduos. Analisar a questão sexual pela ótica da regulação da vida sexual dos indivíduos, por sua vez, foi a ótica adotada por Gramsci em seus escritos carcerários, com destaque logo no *Primeiro Caderno*, para a nota de número 62, *Questione sessuale* [Questão sexual]:

“Questão sexual. Obsessão com a questão sexual. ‘Perigos’ dessa obsessão [...] Os instintos sexuais foram aqueles que sofreram a maior ‘repressão’ por parte da sociedade em desenvolvimento. Sua ‘regulamentação’ parece a mais ‘contrária à natureza’, portanto, mais frequentes neste campo são os apelos à ‘natureza’. A literatura ‘freudista’ criou um novo tipo de ‘selvagem’ do século XVIII numa base ‘sexual’ (incluindo as relações entre pais e filhos)” (Q. 1, § 62, p. 72-3).

A ‘obsessão’ notada por Gramsci pode ser relacionada uma vez mais ao exemplar especial da *La Voce*, ou melhor, a sua repercussão: segundo Pasqualini (2012), esse foi o número mais vendido da revista florentina e tornou-

se o centro da atenção pública em razão das reflexões sobre sexualidade nele contidas, resultando em um *Congresso sobre a Questão Sexual* organizado pela *La Voce* ao final de 1910. Como pauta geral, o evento tinha a proposta de discutir a educação sexual, o controle de natalidade e o celibato dos padres católicos – temas esses contidos no dossiê de fevereiro –, mas tinha como sua ‘força elementar’ a castidade (MICHELS, 1914, p. 285). Além disso, o evento “atraiu o interesse de grupos culturais heterogêneos, bem como contou com a participação de intelectuais e políticos renomados, tendo uma cobertura extensa da mídia nacional” (*Idem*, p. 409).

Continuando o parágrafo, Gramsci passa a comparar a natalidade entre a população urbana, que vinha diminuindo, e a população rural, que continuava alta. Para explicar essa diferença, Gramsci traz as exigências da vida industrial sobre os indivíduos, demonstrando como existe um movimento coercitivo sobre eles para que, assim, cumpram adequadamente sua função no meio produtivo:

“a vida industrial exige um aprendizado geral, uma adaptação psicofísica às condições de trabalho, nutrição, moradia etc., que não são ‘naturais’: as características urbanas adquiridas são transmitidas pela hereditariedade. A baixa taxa de natalidade exige um gasto contínuo de aprendizagem e traz consigo uma mudança contínua na composição sócio-política das cidades, colocando assim também um problema de hegemonia. A questão mais importante é a preservação da personalidade feminina: enquanto a mulher não tiver realmente alcançado a independência do homem, a questão sexual estará repleta de personagens mórbidos e é preciso ser cauteloso ao lidar com ela e ao tirar conclusões legislativas [...] É interessante como os industriais americanos se interessam pelas relações sexuais de seus funcionários: a mentalidade puritana, no entanto, veda uma necessidade evidente: não pode haver um trabalho produtivo intenso sem uma regulamentação do instinto sexual” (*Ibid.*, p. 73-4).

A questão aqui é, em primeiro lugar, política, e está relacionada a elementos subjetivos da vida individual, na medida em que Gramsci insere a questão sexual no interior do modo de produção, firmando seu núcleo na condução e direção dos industriais sobre a vida trabalhadores para além do trabalho: a regulamentação dos instintos sexuais dos indivíduos tem como objetivos a

redução da natalidade no interior das famílias dos trabalhadores (i) e, principalmente, o foco do dispêndio de energia dos trabalhadores unicamente na produção (ii). Dito de outra forma, se trata da racionalização da produção, do trabalho e do trabalhador que será explorada por Gramsci no Caderno 22, Americanismo e fordismo, e da qual nos ocuparemos no próximo capítulo.

Entretanto o parágrafo 62 é o segundo momento nos *Cadernos* em que Gramsci menciona Freud. A primeira menção veio no mesmo período em que Gramsci escreveu a carta à Giulia, dezembro de 1929⁶, com o parágrafo 31, que recebeu o título *Freud*:

“*Freud*. A difusão da psicologia freudiana parece dar como resultado o nascimento de uma literatura tipo século XVIII; o ‘selvagem’, numa forma moderna, e substituído pelo tipo freudiano. A luta contra a ordem jurídica é feita através da análise psicológica freudiana. Ao que parece, esse é um aspecto da questão. Não pude estudar as teorias de Freud e não conheço o outro tipo de literatura chamada ‘freudiana’, Proust-Svevo-Joyce” (Q. 1, § 33, p. 26 cf. Qn. 1, § 33, p. 28).

O teor do parágrafo, quando comparado à carta à Giulia, é praticamente idêntico. No parágrafo, podemos notar que Gramsci destaca sua falta de familiaridade com a teoria freudiana, e apresenta o que pode ser visto como as sementes do parágrafo 62: a percepção de que a difusão da psicanálise ocasionou o renascimento de uma literatura similar àquela do século XVIII, relacionando o *bom selvagem* de Rousseau com o *tipo freudiano*, um novo tipo de *selvagem*, e, por outro lado, a afirmação de que a análise psicológica freudiana ocasiona uma luta contra a ordem jurídica vigente. Esses pontos, quando aprofundados, podem exprimir relação com os instintos sexuais e sua crescente repressão na sociedade moderna na medida em que se tem o *bom selvagem*, ou o *indivíduo freudiano*, enquanto o natural que é corrompido quando tem seus instintos reprimidos pelas exigências da vida industrial moderna, exigências essas que são a ‘ordem jurídica’ em vigor, as leis que condicionam o modo de produção.

⁶ Faço uso aqui da datação exposta por (FRANCIONI, 1984), a qual identifica o parágrafo 33 do Caderno 1 como de dezembro de 1929.

Retomando a carta à Giulia, a passagem “Sua carta me fez pensar em todas essas coisas” (LC, p. 302) poderia ser um indício de que foi a partir da carta que essa reflexão teve início, ou seja, primeiro escreveu a carta e depois escreveu o parágrafo, que é um texto de redação única. A partir desse momento, a psicanálise é tratada mais no âmbito das cartas, voltando a ser mencionada nos *Cadernos* apenas em meados de 1932, mas não deixa de ser relevante o movimento do pensamento de Gramsci: que se inicia no âmbito particular, dirigido à sua companheira, e é ramificada para sua reflexão carcerária, fora do âmbito familiar.

Nos primeiros meses de 1930, a situação permanece a mesma: Gramsci e Tania continuam em intensa correspondência, ao passo que Giulia fica silenciosa. Logo no início do ano, Tania conta as notícias que recebeu de sua família através de seu pai, destacando que Giulia estava muito cansada, que não levava uma vida muito organizada (SCHUCHT, 1997, p. 435). Gramsci, por sua vez, agradece as notícias, mas não se detém muito no assunto (LC, p. 304). Ainda assim, ao final de janeiro, Tania continua mandando notícias, explicando que Giulia anda muito ocupada com seu trabalho e com o cuidado dos filhos, além de enfatizar que ela tem sofrido muito com a prisão de Gramsci (SCHUCHT, 1997, p. 442, 446-48). Gramsci, então, em 10 de fevereiro, escreve novamente à Giulia, mas, como afirma Vacca (2012), ao invés de uma carta efetiva, escreveu um “esquema para um ensaio sobre a historiografia econômico-jurídica” (*Ibid.*, p. 148), o que se afasta de uma carta de quem busca retomar um diálogo frequente com sua companheira cada vez mais silenciosa. Por essa razão, inclusive, Tatiana resolve informar Gramsci de como suas cartas (de 29 de dezembro de 1929 e 10 de fevereiro de 1930) foram recebidas por Giulia; em 18 de maio, ela escreve: “Giulia disse que não é uma carta; e papai acrescentou ‘de fato, é uma dissertação, um artigo, uma carta não é. Nota-se que não consegue escrever de outra forma, que pecado!’” (SCHUCHT, 1997, p. 519).

No segundo semestre do ano, a situação começa a mudar. No início de julho, Tania escreve contando as notícias que recebera de sua família,

destacando que Giulia não andava muito boa, havia retornado de um sanatório e precisaria repousar (*Ibid.*, p. 545). Para melhor detalhar, ela transcreve para Gramsci a carta que recebera de Giulia:

“Querida, estou mais uma vez no meio da família, me fortaleci na Crimeia e voltei para casa...mas ainda não retomei o trabalho, devo descansar por algum tempo...do tratamento, não estou brincando, até mesmo o tratamento é cansativo. Hidroterapia todos os dias, galvanoterapia da tireoide dia sim, dia não. Os médicos estavam muito satisfeitos com os resultados, mas recomendaram que eu descansasse por algum tempo, o que farei” (*Ibid.*, p. 545-6).

Mas a condição de Giulia não melhoraria; no início de agosto, Tania informa Gramsci de que ela estava retornando ao sanatório (*Ibid.*, p. 559), onde permaneceria até o final de setembro, depois de uma melhora significativa (*Ibid.*, p. 581 e 586). No dia 12 de outubro, Tania resolve deixar Gramsci devidamente situado da condição de Giulia pois isso ajudaria em sua melhora – ficando claro que, até esse momento, algumas informações estavam sendo omitidas dele. Após informar que Giulia estava doente, ela escreve:

“Os principais sintomas são amnésia, por causa da qual, em certos momentos, ela não se lembra do significado das palavras [...] Os médicos não concordam com o diagnóstico: um deles diz que é psicostenia, outro diz que é histeria. O médico que atualmente a trata pensa que não se trata de nenhuma destas doenças: ele acredita, no entanto, que estas amnésias estão ligadas à sua habitual incerteza, especialmente em encontrar as palavras, que foi exacerbada pelas provações pelas quais ela passou durante estes anos [...] Quando Giulia souber que você sabe de sua doença, ela poderá escrever mais livremente, o que será um alívio para ela também” (*Ibid.*, p. 587-8).

Com essas novas informações, o silêncio de Giulia passa a ganhar uma razão por detrás, mas o incômodo sentido por Gramsci continua. No dia 20 de outubro, ele responde à Tatiana dizendo que suas explicações não foram o suficiente e “lançam tudo a uma luz falsa” (LC, p. 358); então, ele discorre sobre o seu diagnóstico sobre Giulia:

“É evidente que Giulia sofre de esgotamento nervoso e anemia cerebral, que tendem a se tornar crônicos porque ela não quer ou não sabe como se curar [...] ela não quer se convencer de que um certo ritmo de trabalho só é possível com certas compensações integrativas do organismo e com um certo método de vida” (LC, p. 359).

Gramsci continua a escrever, mas apenas pela passagem acima transcrita já é possível destacar a preciosidade dessa carta. Como na carta de dezembro de 1929, quando Gramsci partiu de observações sobre a criação dos filhos para apresentar suas primeiras impressões sobre a psicanálise, nessa ele parte da condição de saúde de Giulia para colocar alguns elementos de sua reflexão sobre a teoria da hegemonia, e, depois, sobre o que nos *Cadernos* recebe o nome de Americanismo e o fordismo:

“O aspecto sério da pergunta me parece consistir no fato de parecer irresolúvel: o que de fato você e eu podemos fazer? Sermões, advertências gerais, que serão infrutíferas. Na minha opinião, em condições deste tipo, o único remédio consiste em um equilíbrio justo entre meios persuasivos e coercitivos, mas este é precisamente o ponto: quem pode exercer esta coerção necessária? [...] Vou escrever uma longa carta para Giulia, que, por necessidade, terá que tomar a forma de uma ‘dissertação’, mesmo que esta forma seja odiosa: não vejo o que mais eu poderia fazer” (LC, p. 359).

Para Gramsci, o remédio, o que pode curar Giulia só vem a partir do equilíbrio entre persuasão e coerção, que pode soar semelhante à sua noção de hegemonia, ou seja, semelhante à combinação entre coerção e consenso que definem sua teoria (LACLAU, 2013, p. 107). Tendo em mente que “toda relação de ‘hegemonia’ é necessariamente uma relação pedagógica” (Q. 10 II, § 44, p. 1331), a carta à Tania aparenta mostrar a percepção de Gramsci de que Giulia sofre por não se adaptar ao seu ritmo de trabalho. Dessa forma, sua melhora apenas virá quando ela, usando as palavras de Gramsci, *se convencer de que um certo ritmo de trabalho só é possível com certas compensações integrativas do organismo com um certo método de vida*. Esse convencimento, portanto, seria atividade pedagógica da hegemonia: mais uma vez, Gramsci insere os elementos subjetivos em sua reflexão política, reafirmando a noção de

adaptação psicofísica ao trabalho, ou melhor, de que para melhor desempenhar seu trabalho, Giulia deve adaptar (e modificar) seu modo de vida.

Com isso, Gramsci avança em seu raciocínio, apresentando elementos do Americanismo que demonstram como esse *convencimento* vem sendo posto em prática nos Estados Unidos, e como a situação é diferente na Europa:

“Por outro lado, este não é um fenômeno individual; infelizmente está difundido e tende a se espalhar cada vez mais, como podemos ver nas publicações científicas feitas em conexão com os novos sistemas de trabalho introduzidos pelos Estados Unidos. Eu não sei se você segue esta literatura. Também é interessante do ponto de vista psicológico, e interessantes são as medidas tomadas pelos próprios industriais americanos, como Ford, por exemplo. A Ford tem um corpo de inspetores que controla a vida privada dos funcionários e lhes impõe o regime de vida: eles também controlam a comida, a cama, o tamanho dos quartos, as horas de descanso e as tarefas ainda mais íntimas; quem não se dobra, é demitido e não tem o salário mínimo diário de 6 dólares. Ford dá um mínimo de 6 dólares, mas ele quer pessoas que saibam trabalhar e estejam sempre em condições de trabalhar, ou seja, que saibam coordenar o trabalho com o regime da vida. Nós europeus ainda somos muito boêmios, acreditamos que podemos fazer um certo trabalho e viver como queremos, como boêmios: é claro que o maquinismo nos esmaga, e quero dizer o maquinismo em um sentido geral, como organização científica do trabalho conceitual também. Somos muito românticos de uma forma absurda e, para não querer ser pequeno-burguês, caímos na forma mais típica de pequeno-burguês, que é precisamente o boêmio” (LC, p. 359-60).

Assim, Giulia sofre de uma doença *boêmia* que surge como reação às mudanças no modo do trabalho, de um lado, e da situação social russa, de outro, que vinha passando por um processo de adaptação ao modelo estadunidense de produção (VACCA, 2012, p. 164-5). É interessante notar que, tanto em dezembro de 1929, quanto em outubro de 1930, o modo de vida que Giulia leva – seja na criação dos filhos, seja em sua relação com o trabalho – são pontos de conflito para Gramsci. Se se continuar a relacionar as duas cartas, ao passo que ele identifica a doença de Giulia enquanto resultado da sua falta de adaptação

às novas condições de trabalho, poder-se-ia dizer que Gramsci identifica em Giulia uma *boa-selvagem*, àquela que é corrompida pela sociedade, pela história, e ocasiona uma desordem intelectual. Ainda, essa tomada de consciência do *eu* enquanto o *bom-selvagem*, enquanto aquele que ‘sofre’ pelas transformações ocorridas na sociedade, só é feita a partir da difusão da psicanálise freudiana.

Levando em consideração que, nesse momento (outubro de 1930), Gramsci já havia escrito cerca de quatorze parágrafos – entre os cadernos 1, 3 e 4 – que, entre fevereiro e março de 1932 tornar-se-iam quatorze dentre os dezesseis parágrafos do Caderno 22, Americanismo e fordismo (FRANCIONI, 1984, p. 140-6)⁷, essas passagens ganham um novo destaque: Gramsci vive sua reflexão, pois novamente existe um fluxo entre as notas dos Cadernos e as cartas de correspondência com familiares, aspectos pessoais que o fazem pensar em questões sócio-políticas mais amplas, e *vice-versa*.

De todo modo, os apontamentos de Gramsci foram bem recebidos por Tania, que em 28 de outubro afirma ter pensado muito a respeito que ele havia escrito, dizendo ainda que concordava com os pontos sobre a vida que Giulia levava (SCHUCHT, 1997, p. 599). Dois dias depois, escreve novamente para recomendar a leitura da edição alemã da obra de Henry Ford, *The International Jew: the world's foremost problem* [*O Judeu Internacional: o primeiro problema do mundo*] (*Ibid.*, p. 601). Gramsci responde no dia 04 de novembro dizendo estar contente em saber que Tatiana está de acordo em relação às observações sobre o estado de saúde de Giulia, para, em seguida, afirmar que é “sempre melhor, nessas questões, que do lado de fora uma pressão moral idêntica seja aplicada; dada a eficácia limitada que essas coisas podem ter, a pressão moral, pelo menos, é homogênea, e concorda em não ser completamente inútil!” (LC, p. 361). Além disso, afirma não conhecer o livro de Ford, mas que está ciente de sua posição frente aos judeus em razão de outros trabalhos do americano; como

⁷ O Caderno 22 é composto por 16 parágrafos, sendo – de acordo com (FRANCIONI, 1984) – o §1 de redação única, os parágrafos de 2 a 10 como reelaborações de parágrafos do Caderno 1, §§ 11 – 13 reelaborações de parágrafos do Caderno 4, § 14 como reelaboração de um parágrafo do Caderno 9, e, por fim, os §§15 16 como reelaborações de parágrafos do Caderno 3.

destaca Bianchi (2019b, p. 201), as outras obras de Ford em posse de Gramsci são as edições francesas de *My Life and Work* [*Minha Vida e Minha Obra*], de 1922, e *Today and Tomorrow* [*Hoje e Amanhã*], de 1926 – como próprio marxista havia dito em uma carta de março de 1929 (LC, p.248).

No mesmo dia, Gramsci escreve à Giulia. Tranquilizando-a de que essa não será mais uma carta-artigo, Gramsci diz que tudo foi descoberto e que os mistérios já não existem mais:

“Foi, para dizer a verdade, o que na Itália se chama ‘o mistério das coisas óbvias’, no sentido de que eu tinha compreendido que você estava bastante doente ou pelo menos passando por uma crise psíquica que deve ter tido uma base fisiológica; eu teria sido um ‘literato’ muito ruim se não tivesse compreendido isto lendo suas cartas, que, após a primeira leitura, que direi desinteressada, na qual apenas o afeto por você me guia - foram relidas, direi, como um ‘crítico’ literário e psicanalista” (*Ibid.*, p. 363).

Na busca pela retomada de um diálogo constante com Giulia, ele conclui a carta dizendo-a que escrever livremente para ele, com toda franqueza, além de dizer que achou interessantes as fotos que recebeu de seus filhos, ainda que fossem malfeitas tecnicamente (*Ibid.*, *Idem*). A partir desse ponto, então, Gramsci adotaria a postura de um psicanalista para lidar com o mal-estar de sua companheira, buscando ajudá-la a partir de sua fala.

Logo no início de 1931, Tania visita Gramsci na prisão e, no dia 09 de janeiro, escreve a ele reafirmando algumas questões da conversa que tiveram (VACCA, 2012, p. 171). Na carta, ela afirma que, antes, a maior preocupação de Giulia era a de Gramsci saber de suas reais condições de saúde e da necessidade de ela estar em uma casa de repouso (SCHUCHT, 1997, p. 645), para o que Gramsci responde, em 13 de janeiro, que escreverá diretamente à Giulia, mas que compreende a posição de Giulia e percebe seu sofrimento (LC, p. 384).

Para Giulia, Gramsci começa dizendo que as fotos que recebeu de seus filhos fizeram muito bem para ele; em seguida, passa a falar da saúde de Giulia,

reforçando que foi devidamente informado de suas condições e que preza pelo diálogo aberto e sincero entre os dois, e se indaga por qual razão isso não acontece. Então, escreve palavras de preocupação e de recomendações:

“Claro que fico muito feliz quando recebo uma carta sua: ela enche muito meu tempo inútil e interrompe meu isolamento da vida e do mundo. Mas também acho necessário que você escreva para si mesma, porque me parece que você também deve estar isolada e um pouco afastada da vida, e que ao escrever para mim você pode sentir menos essa solidão íntima” (LC, p. 387).

Aqui, Gramsci parece ter se afastado do tom de cobrança sobre notícias de Giulia, e passa a querer ajudá-la através de conversas por escrito; é uma mudança de postura, o cuidado substituiu o ressentimento. Tania percebe esse movimento quando responde à Gramsci no dia 16 de janeiro dizendo que se sente aliviada com as palavras de Gramsci à Giulia, e que sente agora ele como um grande apoio real para a irmã (SCHUCHT, 1997, p. 653). No dia 9 de fevereiro, Gramsci volta a escrever para Giulia em uma carta para melhor confortá-la. Nela, Gramsci afirma compreender melhor a razão de todo o silêncio de Giulia, de como ela não quis demonstrar um momento de fraqueza e de mal-estar para preservar a imagem de uma pessoa inteiramente forte. Então, Gramsci diz saber que ela é uma mulher em vezes forte e em vezes fraca, em resumo, que ela era uma mulher viva (LC, p. 393). Assim, afirma:

“Mesmo no estado de depressão em que você se encontra, de grave desequilíbrio psicofísico, você preservou uma grande força de vontade, um grande controle de si mesmo, e isso significa que o desequilíbrio psicofísico é muito menos grande do que poderia parecer e se limita, na realidade, a um relativo agravamento das condições que em sua personalidade eu acredito serem permanentes ou pelo menos eu as notei como permanentes porque estão ligadas a um ambiente social que exige permanentemente uma tensão de vontade extremamente forte” (*Ibid.*, *idem*).

Em sequência, Gramsci enfatiza sua percepção de que Giulia detém a força necessária para superar esse momento turbulento, mesmo que ela não consiga ver uma forma de melhora em sua condição, ao passo que se sente impotente em oferecer-lhe uma ajuda real:

“Quero ajudá-la, em minhas condições, a superar sua depressão atual, mas também é necessário que você me ajude um pouco e me ensine a melhor maneira de ajudá-la efetivamente, dirigindo sua vontade, arrancando todas as teias de aranha de falsas representações do passado que podem atrapalhar, ajudando-me a conhecer cada vez melhor as duas crianças e a participar de sua vida, de sua formação, da afirmação de sua personalidade, para que minha "paternidade" se torne mais concreta e sempre atual e assim se torne uma paternidade viva e não apenas um fato do passado que está se tornando cada vez mais distante” (*Ibid.*, p. 396).

Fica evidente a mudança de postura de Gramsci que agora quer se fazer mais presente na vida de Giulia, mesmo preso; posição essa que não abandonará. Entre os meses de fevereiro e março de 1931, as comunicações são mais espaçadas. Gramsci volta a escrever à Giulia no final de março apenas para agradecê-la pelas fotos dos filhos que havia enviado (LC, p. 403). Em abril, a troca de cartas é mais intensa. No dia 8, Tania escreve com novidades sobre a condição de Giulia; ela havia começado um tratamento psicanalítico para tratar de sua depressão:

“Giulia passa por um tratamento baseado na psicanálise. É claro que ela não é afetada por nada orgânico. Ela mesma me escreve sobre este tratamento e acrescenta que o médico está muito satisfeito com ela” (SCHUCHT, 1997, p. 691).

Em sequência, ainda sem uma resposta de Gramsci, no dia 15 Tania transcreve para Gramsci uma carta de Pierro Sraffa a ela, que ficou alegre ao saber da melhora na saúde de Giulia após o tratamento psicanalítico:

“Estou muito alegre em saber que Giulia está tentando o tratamento psicanalítico: Assim que a vi, tive a ideia de que ela era apenas um dos casos em que poderia ser útil, mas não o sugeri porque pensei que, por ser apresentado por seus defensores como uma filosofia universal, eles o rejeitariam em bloco na Rússia. Mas, apesar do fato de que à primeira impressão parece ser uma mistura de charlatanismo e ingenuidade, certamente há um núcleo de verdade nela, e em alguns casos eu tenho visto tratamentos psicanalíticos terem tido êxitos impressionantes. Não sei se Nino alguma vez se interessou

pela psicanálise - mas se não, ele certamente estará agora. Você poderia perguntar-lhe se ele gostaria de alguns livros, neste caso você poderia encomendar na livraria Freud, *Introduction à la Psychanalyse*⁸, publicada por Payot, Paris. Há também uma tradução italiana, mas é muito ruim e custa o dobro do que a francesa” (*Ibid.*, p. 697-8)

A observação de Sraffa sobre a psicanálise na União Soviética é bastante pertinente, uma vez que as ideais freudianas, depois de um começo promissor, encontraram muitas barreiras para sua difusão no período pós-revolução: ao passo que teve uma tradução relativamente rápida das obras de Freud, com uma edição em russo de *A Interpretação dos Sonhos* em 1904, cinco anos após sua publicação em alemão, e clínicas de psiquiatria já aplicando tratamentos psicanalíticos pouco depois, sua difusão começou a encontrar entraves vindos de outros setores da psiquiatria na década de 1910 (MILLER, 2005). Em 1914, Freud reconheceu a aceitação inicial e posterior bloqueio de sua teoria em *A História do Movimento Psicanalítico* (FREUD, 1974, p. 45). Continuando na União Soviética, a teoria psicanalítica continuou sofrendo ataques, alguns deles vindos de Lenin, como expõe Clara Zetkin em seu livro de memórias e conversas com o líder revolucionário, chamando a teoria freudiana de “moda moderna” e “bastante burguesa”, concebendo-a como um “hobby dos intelectuais” que não tinha “espaço no Partido e no proletariado militante com consciência de classe” (ZETKIN, 1929, p. 51-3).

A crescente oposição às ideias freudianas culminou no Congresso sobre o Comportamento Humano (CCH), em 1930, que firmou a posição de que o *homem freudiano*, enquanto um ser resultante apenas de seus elementos internos, existe inteiramente no passado e está em guerra com o presente, sendo motivado unicamente pelos impulsos de seu inconsciente (MILLER, 1990). Posto dessa forma, Freud aparecia como o defensor de um indivíduo sem raízes históricas, sem ligação com a sociedade e suas formas de produção, caracterização necessária para afirmar a não-compatibilidade do freudismo com o projeto socialista. O projeto, por sua vez, tinha sua referência no *novo homem*,

⁸ Essa obra corresponde, na edição brasileira, às *Conferências Introdutórias à Psicanálise*, de 1916 e 1917 (Freud, 2014).

aquele dotado de uma consciência marxista de classe, que entendia o conflito em seu exterior enraizado na luta de classes, e não concebia um conflito interior pautado pela repressão de seus traumas infantis (*Ibid.*, *Idem*). Sendo assim, no “paradigma stalinista, o ‘homem freudiano’ inconsciente deveria ser reprimido, finalmente, pelo ‘novo homem socialista’ (*Ibid.*, p. 888)

Ciente do que ocorria sob o manto stalinista, no início da década de 1930 Freud dedicou passagens de *Das Unbehagen in der Kultur* [O Mal-Estar na Civilização] (1930) e das *Neue Folge Der Vorlesungen Zur Einführung In Die Psychoanalyse* [Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise] (1933), para apontar a incompatibilidade entre os comunistas soviéticos e a teoria psicanalítica (FREUD, 2010, p. 79-83 e 351-4).

A partir desse período, teve início uma série de medidas contra a difusão da teoria freudiana no regime soviético; de um lado, por ser considerada uma *ciência burguesa*, e de outro, por ser um conjunto de ideias que Trotsky havia exprimido certa simpatia⁹, os obras de Freud foram proibidas em livrarias e bibliotecas, trabalhos que a tinham como temática foram censurados, assim como a Sociedade Psicanalítica Russa, criada em 1911, foi dissolvida em 1930 (MANIAKAS, 2019 apud MILLER, 2005). Além disso, após o CCH, a publicação de artigos contrários a Freud e a ‘psicologia burguesa’ foi crescente, encontrando Alexander Luria (1902-1977) como seu expoente com a publicação de seu artigo *Krizis burzhuaznoi psikhologii* [A Crise na Psicologia Burguesa], no periódico *Psikhologija* em 1932; nele, Luria afirmava Freud como um filósofo do pessimismo “cujo interesse pelo terreno incontrolável dos aspectos irracionais do comportamento humano exemplifica uma dimensão crucial da psicologia burguesa e suas ‘contradições inerentes’ com os objetivos do socialismo” (MILLER, 1990, p. 887).

⁹ Em *Литература и революция* [Literatura e Revolução], de 1923, Trotsky afirma a possibilidade de conciliação da psicanálise e do materialismo (TROTSKY, 1969, p. 188-9). Miller (1985, p. 644-5) afirma que a afinidade de Trotsky para com a psicanálise também fora um dos motivos para a hostilidade do regime stalinista para com Freud, tendo em vista que em 1929 fora exilado da União Soviética, sendo assassinado a mando de Stalin em 1940.

Mais adiante, em 1933, a prática psicanalítica havia sido proibida definitivamente e, em 1936, o Comitê Central do Partido Comunista declarou a psicanálise enquanto anticientífica e fundamentada em princípios burgueses, colocando-a oficialmente como contrária às diretrizes do Partido e jogando sua prática para o campo da clandestinidade (ANGELINI, 2008, p. 375-6; MILLER, 2005, p. 166; BONI, 2016, p. 80).

De todo modo, Sraffa estava certo, e Gramsci estava interessado em aprofundar seu conhecimento na teoria psicanalítica de Freud: logo no dia 20, Gramsci escreve para Tania explicando que só tinha tomado conhecimento sobre a teoria freudiana através de artigos e revistas:

“Li alguma coisa sobre psicanálise, artigos de revista, especialmente; em Roma, Rambelinsky¹⁰ havia me emprestado algo sobre o assunto. Lerei de bom grado o livro de Freud que Piero indicou: pode encomendá-lo. É possível que Giulia melhore com um tratamento psicanalítico se sua doença tem origens puramente nervosas. Eu, porém, creio que, mais que a psicanálise, contará o médico que fizer o tratamento” (LC, p. 415).

Não só Gramsci apresenta ressalvas sobre a efetividade do tratamento psicanalítico de Giulia, como continua a carta exprimindo mais opiniões não simpáticas à teoria de Freud, sem, entretanto, tirar o mérito da psicanálise por ela ser “mais concreta que a velha psiquiatria, ou pelo menos force os médicos a estudarem mais seriamente cada paciente, ou seja, olhar para os doentes e não para a doença” (*Ibid, idem apud* VACCA, 2012, p. 262). Aqui, é possível identificar a primeira separação feita por Gramsci entre a teoria psicanalítica (que é falha e possui defeitos) e a prática clínica (que pode ser benéfica para os pacientes); essa ‘distinção’ entre a teoria e a prática psicanalítica continuará presente nos futuros apontamentos do marxista sardo.

¹⁰ O aparato crítico da *Edizione Nazionale* afirma que Rambelinsky trata-se de Vladimir Nikolaevic Rambeliskij, Cônsul-geral da Embaixada da URSS em Roma, entre os anos de 1924 e 26 (*Qn*, p. 185). Além disso, tanto os aparatos críticos das edições *Crítica* e *Nazionale* destacam que não se pode comprovar a leitura do livro de Freud requisitado por não estar na lista dos livros que foram levados à Gramsci na prisão (*Q.*, p. 2467; *Qn*, p. 185). Além disso, não temos nenhum dado no interior dos parágrafos dos Cadernos, como citações ou menções diretas ou indiretas à obra, que comprovem a leitura.

Entre o restante de abril e julho, as comunicações são mais sucintas, mais corriqueiras; Tania escreve para atualizar Gramsci das melhoras de Giulia, Gramsci agradece as novidades e passa escrever mais à sua companheira – geralmente para tratar dos filhos (LC, p. 425-6 e 438-9 cf. SCHUCHT, 1997, p. 710 e 744-7). A doença de Giulia volta ao primeiro plano em agosto de 1931, quando Tatiana transcreve para Gramsci uma carta de Giulia em que ela trata sobre sua condição; a transcrição foi enviada no dia 23 de agosto, tendo sido escrita originalmente por Giulia entre 8 e 13 do mesmo mês (SCHUCHT, 1997, p. 770). Nela, Giulia apresenta em linhas gerais os diagnósticos que vem recebendo de diversos médicos e os resultados que vem percebendo:

“Caro, você fala da minha saúde, do meu diagnóstico... mas nem eu mesma sei... Além disso, os médicos não entram em acordo. O diagnóstico de epilepsia é o mais antigo e alguns médicos o mantêm inalterado. O diagnóstico de histeria é o último... é dos médicos que me tratam agora, e seu tratamento e o tempo dão resultados sensíveis [...] faz pouco mais de um ano, em Sebastopol, um médico que me considerou histérico-epiléptico [...] me disse que pessoas geniais, Gogol, Dostoiévsky, tinham essa doença” (SCHUCHT, 1931 *apud* VACCA, 2012, p. 263-4).

Em 31 de agosto, Gramsci responde à Giulia com as seguintes palavras:

“O que você me escreve sobre sua saúde me interessa muito, mas não sei se você ainda está continuando o tratamento psicanalítico. Como Freud observa que os membros da família são um dos mais sérios obstáculos ao tratamento pela psicanálise, eu nunca quis insistir no assunto e não insistirei agora. De resto, você mesma se recorda como frequentemente eu me referi a alguns princípios da psicanálise, insistindo no sentido de que se esforçasse ‘desemaranhar’ [*sgomitolare*] a sua verdadeira personalidade. Estava convencido de que você sofria daquilo que creio que os psicanalistas chamam de ‘complexo de inferioridade’, que leva à sistemática repressão dos próprios impulsos, isto é, da própria personalidade, à aceitação servil de uma função subalterna no decidir, até quando se tem certeza de estar com a razão” (LC, p. 455-6).

O primeiro período da passagem é muito proveitoso para o estudo das fontes de Gramsci para pensar a psicanálise. Voltando a atenção para a obra de Freud que Sraffa havia recomendado a Gramsci, *Vorlesungen Zur Einführung In Die Psychoanalyse* [Conferências Introdutórias à Psicanálise], o subcapítulo *A Terapia Analítica*, mostra Freud argumentando acerca do método da análise psicanalítica:

“O tratamento psicanalítico pode ser comparado a uma intervenção cirúrgica e, como esta, deve ser realizado com os preparativos mais favoráveis para o sucesso. Os senhores sabem que precauções o cirurgião costuma tomar: sala apropriada, boa luz, assistentes, *exclusão dos parentes* etc. Perguntem a si mesmos *quantas cirurgias chegariam a bom termo, se fossem realizadas na presença de todos os membros da família*, rodeando a mesa operatória e soltando gritos a cada incisão. *Nos tratamentos psicanalíticos, a intromissão dos parentes constitui verdadeiro perigo, com o qual não sabemos lidar*” (FREUD, 2014, p. 493 - *grifos meus*)

Tendo em vista a observação de Freud de que os familiares são os maiores obstáculos ao tratamento psicanalítico, poder-se-ia dizer que Gramsci teve acesso a esse livro de Freud. Aceitando essa afirmação, encontra-se aqui a primeira obra de Freud lida por Gramsci, o primeiro trabalho psicanalítico para além de artigos e revistas. Em outras palavras, Freud é uma fonte direta utilizada por Gramsci em sua reflexão sobre psicanálise.

Entretanto, essa constatação não é um consenso entre os estudos gramscianos; por exemplo, Boni (2016, p. 65-6) argumenta que Gramsci não teve uma relação direta com a obra de Freud, ao passo que Meloni (2009, p. 26) afirma que Tania nunca enviou o livro a Gramsci. Além disso, o aparato crítico da *Edição Crítica* não coloca o livro de Freud enquanto um citado nos *Cadernos*, nem enquanto um livro presente no *Fondo Gramsci*¹¹. Porém, tendo em vista que

¹¹ A presença de uma carta ou obra no *Fondo* diz respeito apenas aos itens de Gramsci que foram conservados. Existem diversas cartas de Tatiana ou de Giulia a Gramsci, por exemplo, que foram perdidas, mas que se sabem que foram escritas. Ver, por exemplo, nota 1 em Schucht (1997, p. 762), nota 1 (*Ibid.*, p. 726), nota 1 e 2 (*Ibid.*, p. 716). Dessa forma, o fato de que o livro de Freud não se encontra no *Fondo* pode significar apenas que ele não foi conservado, e não que ele nunca esteve nas mãos de Gramsci.

a menção aqui em questão ocorreu nas *Cartas*, não nos *Cadernos*, e levando em consideração a semelhança entre a passagem da obra freudiana e da carta à Giulia, é possível, sim, que Gramsci tenha lido as *Conferências*.

Para além disso, na carta à Giulia, constata-se duas informações importantes: a primeira é a que Gramsci emite um diagnóstico sobre Giulia, apontando que ela pode sofrer de um *complexo de inferioridade*. Boni (2016) frisa que esse diagnóstico de Gramsci aponta, também, para suas fontes psicanalíticas; nesse caso, a familiaridade de Gramsci não é com Freud, mas sim com Alfred Adler, o psicanalista que cunhou o conceito *complexo de inferioridade*, que foi resultado do “desenvolvimento de uma concepção sócio fisiológica da neurose, explicando-a justamente como um ‘complexo de inferioridade’ entre o biológico e o sociológico” (*Ibid.*, p. 81). De todo modo, o erro de Gramsci pode nos mostrar como o marxista estava relativamente situado aos debates europeus sobre a psicanálise na década de 1920, especialmente o debate vienense, tendo em vista que Viena foi tanto a casa de Gramsci entre meados de 1923 e 1924, quanto o local de publicação das obras de Adler (MANCINA, 1991, p. 07). Dessa forma, por mais que tenha se equivocado sobre a autoria do *complexo de inferioridade*, Gramsci acabou por demonstrar uma possível fonte de seu conhecimento psicanalítico, confirmada enquanto tal no parágrafo 30 do Caderno 4, quando Gramsci afirma Adler enquanto um autor que aplica a psicologia freudiana às doutrinas sociais (Q. 4, § 30, p. 446).

A segunda informação, por sua vez, é a de que Gramsci não irá mais discutir o tratamento psicanalítico de Giulia diretamente com ela, o que se concretiza: desse ponto em diante, Gramsci emite seus juízos sobre o tratamento de sua companheira apenas para Tania. O que nos faz chegar à carta de Gramsci escrita em 15 de fevereiro de 1932, quando, depois de alguns meses, a condição de Giulia volta a ser tratada. A longa carta começa com Gramsci dizendo que não está bem o suficiente para escrever diretamente à Giulia, além de se sentir muito confuso em relação a tudo que vem acontecendo, não conseguindo encontrar “o fio da meada” sem saber se vai encontra-lo em algum momento (LC, p. 533). Então, na esperança de obter ajuda, afirma que vai expor

o que pensa para começar uma discussão; assim, passa a se aprofundar em seus apontamentos em relação à condição de Giulia e as razões de ela ter optado pelo tratamento psicanalítico:

“Minha impressão central é esta: que o sintoma mais grave da condição de desequilíbrio psíquico de Giulia não são os fatos muito vagos aos quais ela se refere e que seriam a razão do tratamento psicanalítico, mas sim o fato de ela ter recorrido a este tratamento e ter tanta confiança nele. Certamente não tenho um vasto e preciso conhecimento da psicanálise, mas pelo pouco que estudei, acho que posso concluir pelo menos em alguns pontos que podem ser considerados firmemente adquiridos pela teoria psicanalítica, depois de tê-la despojado de todos os seus elementos fantasmagóricos e até mesmo mágicos” (*Ibid.*, p. 534).

Em seguida, afirma que a psicanálise só pode ser efetiva para os *humilhados e ofendidos*, ou seja, aqueles que não conseguem sozinhos se conformar e superar os ‘contrastes da vida moderna’ afim de encontrar um equilíbrio entre os ‘impulsos da vontade e os objetivos a serem alcançados’ (*Ibid.*, *idem*):

“Parece-me justamente que Giulia sofre de ‘problemas insolúveis’, irrealis, e combate fantasmas suscitados pela sua fantasia desordenada e febril, e então, como é natural, não podendo resolver por si só o que não tem solução possível para ninguém, necessita se apoiar numa autoridade externa, num mágico ou num médico psicanalítico. Eu creio, pois, que uma pessoa culta (no sentido alemão da palavra), um elemento ativo da sociedade, como certamente Giulia [...] deva ser e seja o único médico psicanalítico de si mesma” (*Ibid.*, p. 534-5).

Essa passagem fornece elementos muito interessantes para uma nova discussão, o que implicará em uma breve interrupção na exposição e análise das cartas para um aprofundamento em pontos particulares dos Cadernos.

Em primeiro lugar, temos o uso do termo *humilhados e ofendidos* por Gramsci. Como nota Boni (2016), é uma referência *dostoievskiana*; mais especificamente, uma menção à obra *Униженные и оскорбленные* [*Humilhados e ofendidos*], o romance de Fiódor Dostoievski, publicado em 1891. Aliás, quando voltamos nossa atenção para um parágrafo dos Cadernos escrito

muito próximo a essa carta, vemos uma explicação mais elaborada de como Gramsci mobiliza o termo. Intitulado *Letteratura nazionale-popolare* [*Literatura nacional-popular*], o parágrafo 135 do Caderno 9, mostra Gramsci afirmando estar presente nas obras do romancista russo um sentimento *nacional-popular*, ou seja, o sentimento de uma obra ligada às instancias populares, sendo assim capaz de promover um sentido de identificação entre todos os estratos da população (DURANTE, 2017, p. 563); em novembro de 1932, Gramsci escreve:

“Os ‘humildes’. Esta expressão ‘os humildes’ é característica para compreender a postura tradicional dos intelectuais italianos em relação ao povo e, portanto, o significado da literatura para os ‘humildes’. Não se trata da relação contida na expressão dostoiévskiana de ‘humilhados e ofendidos’. Em Dostoiévsky existe um poderoso sentimento nacional-popular, ou seja, a consciência de uma “missão dos intelectuais” para com o povo, que talvez sejam “objetivamente” formados por pessoas “humildes”, mas devem ser liberados dessa “humildade”, transformados, regenerados. No intelectual italiano a expressão “humilde” indica uma relação de proteção paternal, o sentimento “suficiente” da própria superioridade inquestionável, a relação como entre duas raças, uma considerada superior e a outra inferior, a relação como entre adultos e crianças na velha pedagogia, e pior ainda, uma relação como a de uma “sociedade que protege os animais”” (Q. 9, § 135, p. 1197).

Dessa forma, analisando a carta e o parágrafo em conjunto, a categoria *humilhados e ofendidos* pode ser entendida enquanto a incorporação do aspecto psicológico à reflexão gramsciana: de um lado, tem-se o *humilde*, o sujeito que não olha para sua condição, que não tem ciência de sua posição; de outro, porém, tem-se o *humilhado*, o sujeito ciente de sua *ofensa*, de sua posição na sociedade moderna. A psicanálise, por sua vez, ocupa a mesma função de uma obra nacional-popular, ou seja, ela aparece como uma ferramenta para a tomada de consciência e para a consequente saída da posição de *humildade*. Ainda assim, ela é útil apenas para aquele indivíduo que precisa de um outro – médico psicanalista – para auxiliá-lo em sua emancipação, em sua própria tomada de consciência frente as condições da sociedade moderna; a psicanálise é a forma de o indivíduo superar da condição de humildade.

De todo modo, o interessante aqui é notar como Gramsci insere Dostoievski em sua reflexão sobre a psicanálise: quase dois anos depois de afirmar que não conhecia “o outro tipo de literatura chamada ‘freudiana’, Proust-Svevo-Joyce” (Q. 1, § 33, p. 26), Gramsci aparentava conhecer a relação entre Dostoievski e Freud, além de destacar o russo enquanto um escritor singular, nacional-popular. Aliás, essa relação foi amplamente reconhecida e difundida, principalmente por Freud, que em 19 de outubro de 1920, afirmou: “Dostoievsky não pode ser compreendido sem a psicanálise – isto é, precisa dela porque ele próprio a ilustra em todos os personagens e em todas as frases” (FREUD, 1960, p. 331). Além disso, em 1927, Freud escreveu o prefácio da edição alemã de *Братья Карамазовы, Brat'ya Karamazovy* [Os Irmãos Karamazov], que tornar-se-ia um ensaio avulso, publicado no periódico *The Realist*, em 1928, com o título *Dostojewski und die Vätertötung* [Dostoievski e o parricídio] (FRANK, 1992, p. 122 cf. FREUD, 2014b)

Além disso, existe uma particularidade onde Dostoievski é mencionado nos *Cadernos*, e por onde me refiro não à sua posição na reflexão gramsciana, mas, sim, ao aspecto material: o Caderno 9. Esse caderno faz parte do primeiro grupo de cadernos que Gramsci recebeu no cárcere, entre o final de janeiro e início de fevereiro de 1929, e seu conteúdo pode ser dividido em dois tipos de trabalho do marxista sardo: um caderno de tradução e um caderno miscelânea; a parte de tradução contempla o estudo de Gramsci da língua russa, feito exclusivamente no verso das páginas, entre abril e novembro de 1929, ao passo que, a partir de abril de 1932, o caderno ganhou sua nova utilidade de registrar as notas e apontamentos de Gramsci (FRANCIONI, 2009, p 04-5).

Nos primeiros meses de 1930, Gramsci começou a traduzir um volume da coletânea *Antologia Russa*, que continha obras de Dostoievski, Tolstoi, Gogol, dentre outros (*Ibid.*, *idem*). Para Francioni (2009), esse exercício aparece como um aprofundamento do conhecimento que Gramsci havia apreendido da língua russa durante sua estadia em Moscou – entre junho de 1922 e novembro de 1933. Além disso, é possível identificar o duplo lugar que a língua ocupa na pesquisa gramsciana: um interesse tem início por uma razão afetiva, pelo fato

de sua companheira ser russa e residir na União Soviética com seus filhos, que logo dá lugar a uma motivação político-cultural, uma vez que as obras contidas na *Antologia* permitem que Gramsci ainda preso retome o contato com uma literatura já conhecida antes do cárcere, mas que nesse momento são revisitadas através de uma nova concepção: Gramsci as entende como uma literatura *nacional-popular*, que vai ao povo com o intuito de educa-lo e elevá-lo, o que se contrapõe a situação da literatura italiana daquela época, a qual Gramsci concebia como elitista e sem ligação com o povo (*Ibid.*, p. 08).

Percebe-se, dessa forma, como o exercício de tradução feito no início do seu período carcerário, anos depois, foi retomado com um grande proveito na elaboração de sua reflexão sobre a noção de literatura nacional-popular. Além de Dostoiévski, o Caderno 9 também dá lugar a uma nota que, assim como a sobre o romancista russo, possui uma investigação de pontos nos quais a psicanálise não é o centro, tampouco parte da discussão, mas que pode evidenciar possíveis fontes de Gramsci para suas notas psicanalíticas: o parágrafo 31, cujo tema gira entorno do padre franciscano Agostino Gemelli e sua obra *Il mio contributo alla filosofia neoscolastica* [*Minha contribuição à filosofia neoscolástica*], de 1932.

Meu destaque vem em razão, de um lado, sobre a postura de Gemelli frente a psicanálise na Itália, e, de outro, sobre o conteúdo de sua obra lida por Gramsci. Sobre o primeiro ponto, ao passo que uma reforma educacional eliminou o ensino da psicologia na educação secundária, bem como a maioria das cátedras de psicologia das universidades, Gemelli introduziu a psicanálise nos cursos de sua recém fundada Università Cattolica del Sacro Cuore, em Milão (PASQUALINI, 2016, p. 1063 cf. CALLIGARIS, 1975, p. 175), evidenciando sua posição privilegiada frente às pressões católicas e à repressão fascista contra a teoria psicanalítica (DAVID, 1967).

Sobre o segundo ponto, é notável o fato de que ela apresente uma diferenciação entre a teoria e a prática psicanalítica, o que torna Gemelli capaz de resgatar a psicanálise enquanto uma forma aceitável de terapia que estuda “a formação do caráter a partir de como um indivíduo persegue fins, processa

frustrações e procura se adaptar dentro da estrutura de suas relações com outros” (PASQUALINI, 2016, p. 1069), e, ao mesmo tempo, rejeitá-la enquanto uma visão de mundo, um movimento cultural (COLOMBO, 2003, p. 339-40). A distinção operada por Gemelli é bastante semelhante à que Gramsci opera em sua reflexão, uma vez que o marxista sardo também rejeita a psicanálise enquanto uma filosofia, uma visão de mundo, mas aceita sua prática terapêutica. Por essa razão o Caderno 9 é um material rico para pensar as fontes psicanalíticas de Gramsci.

E o Caderno 9 torna-se mais interessante quando se tem o foco em uma das notas que Gramsci redigiu logo nas primeiras páginas, antes de começar com a escrita formal¹² dos parágrafos. Na segunda página do caderno, Gramsci redige uma breve nota intitulada *Punti della lettera a Giulia* [Pontos da carta à Giulia], que apresenta pontos muito semelhantes ao conteúdo da carta do dia 15 de fevereiro:

“Ordem intelectual e ordem moral em conflito: sua conciliação em uma ‘ordem jurídica’ que pode parecer puramente formal, mas que na realidade representa um momento no movimento de desenvolvimento. A serenidade deve ter como fundamento a sobriedade moral, ou seja, a consciência dos limites propostos e não impostos. Contra a embriaguez romântica. O homem coletivo e a consciência individual (vontade): como o ‘entusiasmo’ coletivo pode se tornar uma norma para a ação individual? A memória do entusiasmo sentido e que subsiste (mas na ordem intelectual) faz nossa ação concreta e molecular parecer inadequada, daí as contradições e escrúpulos e a repressão de instintos e impulsos, que na ordem intelectual são julgados inferiores e antissociais. Estes me parecem ser os limites de um problema psicanalítico, mas um problema que deve ser colocado e resolvido pelo próprio sujeito. Autocrítica. Não acredito na base científica da psicanálise, ou pelo menos acredito que sua esfera real deve ser muito estreita. Os sucessos da psicanálise me parecem ser devidos à prestigiosa autoridade de personalidades eminentes sobre pacientes

¹² Essa é uma nota avulsa. Ela antecede os parágrafos do Caderno 9 e não vem acompanhada do tradicional símbolo de parágrafo (§) que Gramsci colocava nos Cadernos ao escrever uma nota. Por essa razão, a nota não é incluída enquanto um ‘parágrafo oficial’ do caderno e, assim, ficou fora do Caderno 9 na Edição Crítica, sendo resguardada ao aparato crítico da edição.

desmoralizados, aos quais é imposta uma calma moral com explicações subjetivas do médico que são aceitas pelo paciente como verdadeiras e que lhe dão autoconfiança. A psicanálise deu uma forma atual ao diabo; ela o chamou 'inconsciente' ou subconsciente" (Q, p. 2399-2400 cf. Qn, p. 858).

Aqui, Gramsci aparenta retirar todo o aspecto pessoal de seu texto, por mais evidente que seja a referência a Giulia enquanto uma *paciente desmoralizada*. A questão que Gramsci parece reiterar é, novamente, o processo de adaptação aos contrastes da vida moderna para atingir a *serenidade*; de fato, aparenta ser uma nota que resume todos os seus apontamentos da carta do dia 15. Tendo em vista que a redação dos parágrafos do Caderno 9 teve início em abril de 1932, é possível afirmar que o movimento de Gramsci começou em fevereiro na carta, avançou para a nota avulsa, e se encerrou na redação dos parágrafos, em especial o 135, de novembro de 1932.

Com isso, tem-se novamente um ponto de reflexão que começa no âmbito familiar e se expande, um percurso do pensamento de Gramsci que tem início na carta de 15 de fevereiro, é retomado na nota avulsa no Caderno 9, e ramifica-se para dois pontos: o primeiro é o parágrafo 135; o segundo é o parágrafo 74 do Caderno 15, escrito em agosto de 1933, que aparenta ser uma nova formulação dos pontos levantados tanto na carta, quanto na nota avulsa. Intitulado *Freud e l'uomo collettivo* [*Freud e o homem coletivo*], esse parágrafo mostra como toda a reflexão contida nas cartas ganha um corpo mais sólido, uma argumentação mais estruturada. O que antes era tido enquanto os *contrastos da vida moderna*, torna-se as *repercussões mórbidas* da formação de um *homem coletivo*, de um *novo tipo humano*. Ainda, fica claro o entendimento da seletividade da atuação psicanalítica, ou seja, de como a terapia freudiana está resguardada apenas às classes altas e exclui as classes subalternas, na medida em que o remorso moral é sentido em maior intensidade pelas classes altas; as classes subalternas, por sua vez, incorporam as novas necessidades, o novo tipo humano enquanto uma necessidade, enquanto a única alternativa a ser seguida (Q. 15, § 74, p. 1833-4). Esse é o ponto de maior desenvolvimento da reflexão gramsciana sobre a psicanálise. A partir daqui, Gramsci irá inserir

essa dimensão psicológica do indivíduo frente às mudanças na sociedade em sua reflexão sobre o Americanismo e fordismo, no Caderno 22 – como será mostrado no capítulo 2; esse é um aspecto interessante do processo de reconstrução do pensamento de Gramsci: identificar pontos de confluência em questões que, aparentemente, estão distantes, estão situadas em locais diferentes; de notar como apontamentos espalhados pelos Cadernos têm uma ligação essencial com a reflexão contida nas cartas; e de como, uma vez costurados, os textos apresentam um pensamento consistente e íntegro.

Por fim, destaco como Gramsci coloca a psicanálise enquanto uma “ciência’ a ser aplicada às classes altas” ao passo que o “‘inconsciente’ só começa depois de muitas dezenas de milhares de liras de renda” (*Ibid.*, *idem*), ou seja, como ele retoma a lógica soviética de entender a psicanálise enquanto uma ciência burguesa, o que pode explicar sua falta de simpatia para com a teoria freudiana.

Finda-se aqui essa interrupção para que, enfim, continuemos com as cartas. Os apontamentos de Gramsci do dia 15 de fevereiro não foram bem recebidos por Tania, que logo respondeu no dia 23 afirmando que Gramsci formulou ideias inverossímeis embasadas em concepções com pouca ou nenhuma informação precisa sobre o tratamento de Giulia; assim, diz que vai apresentar os fatos sob seu verdadeiro aspecto científico e psicológico para que, assim, Gramsci demova-se de seus apontamentos:

“Giulia não sofre em absoluto de ‘problemas insolúveis’, absolutamente não! Atualmente, ela continua, sem dúvida, em um estado de inferioridade, comparada à média dos homens do ponto de vista do potencial do trabalho produtivo, mas não por qualidade ou quantidade, apenas pela capacidade de continuidade, em certos momentos, dado que agora seu corpo não está nas condições de integridade física e espiritual que proporcionam o máximo retorno” (SCHUCHT, 1997, p. 930).

Ao contrário de Gramsci, Tania aparenta depositar esperanças no tratamento psicanalítico de Giulia, da mesma forma que não acredita que Giulia possa ser a ‘médica de si mesma’ pelo fato de que, caso ela não logre em

superar sua condição de mal-estar, não terá amparo algum. Também, Tania afirma que Giulia não é uma 'humilhada e ofendida', e que Gramsci reconhece isso quando a chama de um 'elemento ativo' da sociedade. Com isso, ela afirma que não transmitirá as considerações de Gramsci à Giulia (*Ibid.*, p. 930-2). No dia 29, Gramsci responde afirmando que Tania está certa, e também que tem um conhecimento escasso em relação à psicanálise, da mesma forma que recebe poucas informações sobre Giulia, o que justificaria a maior parte de seus pontos serem fundamentados predominantemente em sua imaginação (LC, p. 541). No dia 7 de março, entretanto, escreve uma nova carta para Tania para 'precisar melhor' sua posição sobre a psicanálise em razão da confusão que causou.

A primeira coisa que afirma é a de que não acredita que o tratamento psicanalítico seja adequado somente aos humilhados e ofendidos, na verdade o que ele havia feito era uma 'referência geral' sem muita precisão; em seguida, coloca sua posição corrigida. Para Gramsci, o que pode ser tomado como positivo da estrutura psicanalítica é o estudo das devastações que ocorrem nos indivíduos em meio às contradições entre velhos e novos hábitos e formas de pensar. Perceba aqui como Gramsci relaciona a ação coercitiva do Estado para que seus cidadãos se comportem de acordo com a visão de mundo de sua classe dirigente com os efeitos que essa coerção desencadeia no âmbito psicológico individual e geral das classes subalternas, que precisam se adequar a uma nova moralidade com exigências distintas da anterior:

Esta contradição se apresenta em uma multiplicidade incontável de manifestações, até assumir um caráter estritamente singular em qualquer indivíduo. Em cada momento da história, não apenas o ideal moral, mas o 'tipo' de cidadão fixado pelo direito público é superior à média dos homens que vivem em um determinado Estado. Este distanciamento se torna muito mais pronunciado em momentos de crise, como este do pós-guerra, seja porque o nível de 'moralidade' é reduzido, seja porque a meta a ser atingida é estabelecida mais alto e se expressa em uma nova lei e em uma nova moralidade. Num caso e no outro, aumenta a coerção estatal sobre os indivíduos, aumenta a pressão e o controle de uma parte sobre o todo e do todo

sobre todos os seus componentes moleculares” (LC, 544-5).

É interessante notar como essa concepção de Gramsci será retomada quase um ano depois na elaboração do parágrafo 74 do Caderno 15, ou seja, como o mal-entendido entre Gramsci e Tania fez o marxista refinar sua reflexão. Ao contrário do parágrafo, porém, aqui Gramsci se estende mais no tema. Agora, ele precisa melhor sobre a posição do indivíduo frente às contradições, e as formas de superá-las: na medida em que alguns superam através de um ‘ceticismo vulgar’ ou pela pelo cumprimento das leis ‘ao pé da letra’, outros resolvem apenas “de forma catastrófica, pois leva a explosões mórbidas de paixão reprimida, que a necessária “hipocrisia” social (ou seja, a adesão à letra fria da lei) só aprofunda e turva” (*Ibid*, p. 545). Assim, enfim, chega à explicação sobre a apropriação dostoievskiana do termo humilhados e ofendidos:

“Como eu disse, em indivíduos e nos vários estratos culturais, devem ser distinguidas gradações muito complexas e numerosas. O que nos romances de Dostoiévski é indicado pelo termo ‘humilhado e ofendido’ é a menor gradação, a relação própria de uma sociedade em que o estado e a pressão social são dos mais mecânicos e externos, em que o contraste entre a lei estatal e a lei ‘natural’ (para usar esta expressão equivocada) é do mais profundo devido à ausência de uma mediação como a oferecida no Ocidente por intelectuais empregados pelo estado; Dostoiévski certamente não mediou a lei estatal, mas ele mesmo foi ‘humilhado e ofendido’ por ela” (*Ibid.*, *idem*).

A discussão sobre a efetividade e a aplicabilidade do tratamento psicanalítico, entretanto, não duraria muito mais. Um pouco mais de dois meses depois, no dia 24 de junho, Giulia escreve a Gramsci com uma notícia que o faria feliz: ela havia abandonado o tratamento psicanalítico:

“Eu parei com o tratamento da psicanálise. Eu não tinha mais energia para ir. Quero viver por conta própria por um tempo. Verei mais tarde. Não pense que o médico não vai mais me ver. Vou até eles e recebo suas instruções.. e minha mãe se esforça tanto para me alimentar.. como um elefante” (SCHUCHT, 1997, p. 1037).

No dia 4 de julho, Gramsci escreve a Tania comentando a carta de Giulia; afirmando que precisa de mais tempo para responder sua companheira adequadamente, Gramsci diz estar muito contente e acreditar que Giulia está em condições psíquicas muito melhores e que tem esperanças de que ela esteja em um momento de virada sobre sua doença (LC, p. 595). No dia 18, escreve a Giulia com seu mesmo juízo sobre a psicanálise:

“Também estou feliz que você não tenha mais a fixação do tratamento psicanalítico, o que, pelo pouco que posso julgar no estado de meu conhecimento, me parece muito imbuído de charlatanismo e tal - se o médico encarregado não conseguir em pouco tempo vencer a resistência do sujeito e tirá-lo da depressão com sua autoridade - para agravar as doenças nervosas em vez de curá-las, sugerindo ao doente motivos de novas ansiedades e de marasmo psíquico dobrado. Querida, eu acho que a mãe, com sua expressão de fazer de você um ‘elefante’, provou ser a médica mais segura e confiante” (*Ibid.*, p. 597-8).

Entretanto, a doença de Giulia persistiu. Em 5 de outubro, ela escreveu a Gramsci justificando seu novo período de silêncio em razão de estar se sentindo pouco a pouco mal novamente (SCHUCHT, 1997, p. 1102). No dia 22, escreveu novamente descrevendo como se sentia: “Sempre fui passiva e agora tenho que fazer algo... e é realmente difícil para mim, porque também tenho que assumir o problema de decidir para o que estou preparada e se vou ser capaz de me preparar para outra coisa” (*Ibid.*, *idem*). Em 28 de novembro, responde Giulia com um último diagnóstico sobre sua situação – o qual, como afirma Boni (2016, p. 85), remonta à aproximação entre Freud e Rousseau feita logo na primeira menção à psicanálise, bem como ao seu diagnóstico emitido anteriormente:

“Suas observações estão equivocadas do começo ao fim, e indicam um modo de raciocínio retrógrado, anacrônico e terrivelmente perigoso. Parece-me que você confunde os meios com os fins, você não sabe como conformar os meios com os fins, ou seja, você não sabe quais são seus fins práticos e imediatos, dispostos em uma cadeia de forma a passar de um elo para o outro progressivamente. Há sempre um fundo ‘genebrino’ em sua alma e este fundo é a causa de uma parte conspícua de seu desconforto psíquico e, portanto, também de suas dores físicas. Há algo contraditório em seu eu interior, uma laceração, que

você não pode curar, entre teoria e prática, entre consciente e instintivo. Você acha que sim? (LC, p. 644).

No percurso das cartas, Gramsci termina como começou: entendendo Giulia enquanto um indivíduo que não se adequa às mudanças, os hábitos do passado e os hábitos do presente. Com isso, portanto, é possível avançar para o encerramento desse segmento do trabalho com algumas considerações sobre o que foi exposto até aqui.

Em primeiro lugar, fica evidente que a falta de familiaridade de Gramsci para com a teoria psicanalítica de Freud não o impede de formular concepções bastante elaboradas sobre o que ele entende por psicanálise, mesmo que isso implique em rejeitar boa parte da teoria psicanalítica, com a qual não exprimia afinidade, e focar na prática, no tratamento. Em segundo, vemos que, dentro das condições que se encontrava, Gramsci avançou em seu estudo de Freud, conseguindo ter acesso a um livro, que marcou seu primeiro contato direto com o psicanalista austríaco e o guiou na forma de proceder em sua correspondência com Giulia. Em terceiro lugar, ainda tratando sobre as fontes psicanalíticas de Gramsci, o romancista russo Dostoiévski aparece como uma figura central para a reflexão do marxista, na medida em que a leitura de sua obra a leitura faz Gramsci elaborar uma categoria de análise – *humilhados e ofendidos* – que tem em sua raiz o elemento psicológico do indivíduo em seu processo de tomada de consciência

Assim, Gramsci, põe de lado Freud quanto a teoria psicanalítica, mas se interessa pelo freudismo, entendido enquanto o tratamento psicanalítico, que carrega a função de uma ferramenta para a tomada de consciência da posição e da função que um indivíduo ocupa na sociedade. Ainda, é estabelecida uma distinção entre o movimento de adequação às mudanças ocorridas na sociedade e o movimento de emancipação do povo frente à situação de opressão na sociedade – em ambos os casos a dimensão psicológica individual é incorporada à análise de Gramsci, mas cada um dos movimentos é aplicado em classes distintas: o primeiro, centrado nas classes altas, pode ser feito com o auxílio de um médico psicanalista em pacientes que não conseguem, por meios próprios,

superar as dificuldades em adquirir novos hábitos e deixar outros para trás, o que fez da psicanálise ser a forma de luta contra a ordem jurídica, ou seja, contra o conflito entre a condição de cada indivíduo (a ordem intelectual) e as novas necessidades (a ordem moral), introduzidas na sociedade através de uma crescente coerção estatal sobre os indivíduos (Q. p. 2399; Q. 1, § 33, p. 28; LC, p. 545); o segundo, com foco nas classes subalternas, por sua vez, é conduzido através de um intelectual, mais especificamente através de uma obra de caráter *nacionalpopular*, capaz de se comunicar, educar e instruir diretamente o povo.

Nos *Cadernos*, por sua vez, a reflexão gramsciana sobre psicanálise toma dois rumos: de um lado, Gramsci aprofundará na difusão da teoria freudiana na Itália, com destaque para os usos dela feitos por Benedetto Croce e Henri de Man, de outro, situará toda a reflexão exposta nas cartas e em outros pontos dos cadernos na análise do Americanismo e fordismo, análise em que o elemento psicológico ocupa um lugar de destaque. E é isso que será apresentado nos próximos capítulos.

CAPÍTULO 2: A PSICANÁLISE NOS *QUADERNI*

2.1 - *GRAMSCI E FREUD: AMERICANISMO E FORDISMO*

O Caderno 22 é o lugar no qual Gramsci dedica suas notas a aquilo que chama de Americanismo e fordismo. Sendo assim, o marxista sardo começa este caderno apresentando de forma sistemática um conjunto de problemas que deverão ser vistos sob a rubrica do *americanismo*, e que, de um lado, tem sua solução nas próprias condições contraditórias da sociedade moderna, e, de outro, podem alavancar crises mórbidas (Q. 22, § 1, p. 2139). Essa primeira apresentação, que termina em uma listagem incompleta dos problemas suscitados pelo *Americanismo*, aparenta ser uma síntese *a posteriori* dos argumentos desenvolvidos ao longo deste caderno, e é o único texto de redação única, texto B, do caderno; os demais quinze parágrafos são a segunda redação de parágrafos anteriormente dispostos entre os *Cadernos* 1, 4, 9 e 3. Elaborada entre fevereiro e março de 1934, a reflexão gramsciana sobre o *Americanismo* está pautada, por um lado, na compreensão das mudanças nas relações produtivas ocorridas nos Estados Unidos, e, de outro, na identificação de um movimento definido por ele como a tentativa de estabelecer essas mudanças na Europa, de maneira geral, e na Itália, especificamente.

Essa reflexão, entretanto, não tem início com os *Cadernos*, mas o acompanha desde antes de seu período enquanto prisioneiro do Estado fascista italiano; mais especificamente, remonta às experiências pré-carcerárias de do jovem sardo, em particular entre 1919 e 1920, um momento fundamental na história de Gramsci (LIGUORI, 2020, p. 01), com um contato intenso com a classe trabalhadora de Turim, majoritariamente operária da indústria automobilística (D'ORSI, 2017, p. 99). O ponto de partida para explicar esse momento é o chamado *Biennio Rosso* [*Biênio Vermelho*], que foi o período marcado por intensas agitações do operariado de Turim que culminou em greves e ocupações das fábricas automobilísticas no Norte da Itália. Por conseguinte, dedicarei a próxima parte do capítulo para apresentar a evolução da reflexão gramsciana sobre o trabalhador e a fábrica, do *Biennio* ao cárcere.

Os Conselhos de Fábrica e o Gorila Amestrado: entre o L'Ordine Nuovo e os Cadernos do Cárcere

Com o final da Primeira Guerra Mundial, a Itália ficou com um saldo de mais de 600 mil mortos e um crescimento industrial, que trouxe consigo uma expansão do operariado italiano (BIANCHI; ALIAGA, 2011, p. 18). Nesse momento, estava em discussão a aplicação nas fábricas italianas de um novo modo de conduzir a produção industrial e alterar a duração da jornada de trabalho, um modo de produção proveniente dos Estados Unidos; que seria acordado entre os sindicatos e os empregadores (D'ORSI, 2017, p. 99). Os operários, por sua vez, em suas assembleias e reuniões apresentavam uma nova forma de organização: não mais as *comissões internas*, eleitas pelos trabalhadores organizados nos sindicatos, mas os conselhos de fábrica, que eram organizados e eleitos por todos os trabalhadores (FIORI, 1979, p. 153).

A mudança na organização dos operários de Turim fora acompanhada de perto por Palmiro Togliatti, Umberto Terracini e Antonio Gramsci, responsáveis pelo periódico recém-lançado *L'Ordine Nuovo*¹³ e que, a partir desse momento, passou a ser o “jornal dos Conselhos de fábrica” (*Ibid.*, p. 151). Gramsci via esse movimento com um grande interesse, uma vez que possibilitava pensar essa forma organizacional dos trabalhadores que se formava na realidade italiana enquanto uma tradução da experiência dos *soviets* na Rússia pós-Revolução, ao passo que colocava no *ON* a tarefa de conscientizar a classe trabalhadora, bem como agregar e expandir o movimento dos Conselhos (FRESU, 2020, p. 75; DEL ROIO, 2019, p. 58).

Nesse sentido, enquanto Gramsci acompanha de perto os movimentos da classe trabalhadora turinesa, utiliza-os como fomento ao desenvolvimento de uma nova teoria, a teoria da democracia operária (LIGUORI, 2017, p. 587). Percebendo nos Conselhos não uma instituição da democracia burguesa, mas

¹³ Daqui em diante, ON.

algo que nascia no interior do processo produtivo e seria capaz de dissolver o “poder do capital por meio do controle operário” (DEL ROIO, 2019, p. 58). Em oposição aos sindicatos, os Conselhos, através da autogestão dos operários, poderiam intervir sobre o “processo de produção e troca capitalista, testando no terreno concreto da direção operária da produção a possibilidade de realizar relações sociais de um novo tipo” (FRESU, 2020, p. 77).

Nos moldes reais daquele momento, as relações desenvolvidas no interior da fábrica produziam um operário instrumental, um trabalhador sem envolvimento intelectual com o que produz, ou seja, sem o envolvimento humano na produção. Foi sobre esse tema que Gramsci se debruçou na segunda metade de 1920: em meio às ocupações das fábricas pelos operários, publicou no *ON* o artigo *Il Partito Comunista* [*O Partido Comunista*] em duas partes; a primeira, na edição de 4 de setembro, e a segunda, na edição de 9 de outubro. Nele, Gramsci afirma que o operário não segue o processo geral do trabalho, mas apenas se limita a uma determinada função, e esse seu modo de agir é levado “a todos os ambientes da sua vida; acomoda-se facilmente, por toda a parte, ao ofício de executor material, de ‘massa’ guiada por uma vontade estranha à sua” (GRAMSCI, 1920, p. 114). Com os olhos na Revolução Russa, afirma que apenas através da organização dos trabalhadores no Partido Comunista seria possível libertar esse movimento, fazendo revolução no interior no modo de produção, que levaria o trabalhador de *guiado* à *dirigente* (*Ibid.*, *idem*). Sob a tutela do Estado fascista italiano, a reflexão gramsciana sobre essa temática continuou com uma nova roupagem: a do Americanismo e fordismo. Aqui, nos debruçaremos nas notas gramscianas fora do Caderno 22, buscando, dessa forma, não uma análise do caderno monotemático (como será feito na próxima sessão), mas sim um agrupamento dos apontamentos de Gramsci que nos permitam estabelecer uma ponte com a reflexão pré-carcerária acerca dos Conselhos de fábrica.

Nos *Cadernos*, Gramsci identifica uma particularidade no exercício da hegemonia¹⁴ pela classe dominante estadunidense, ou seja, em como uma classe exerce seu domínio e sua direção sobre as demais, e constrói seu argumento ao redor da noção de uma tripla racionalização: a da população, a da produção e a do indivíduo. Nessa análise, denomina por *Americanismo* o modo de vida típico da sociedade americana atrelado ao *fordismo*, o novo modo de produção que nasceu nessa sociedade. Essas categorias são, entretanto, separadas apenas analiticamente, uma vez que o novo modo de produção só é efetivado através da reestruturação do modo de vida da sociedade. Americanismo e fordismo, portanto, aparecem como uma expressão da transformação das formas de dominação e da organização da produção. Dito de outra forma, a perspectiva gramsciana da sociedade estadunidense no início do século XX dá destaque a como o exercício da hegemonia tem início na fábrica, que é, por sua vez, central na economia do país. Como afirma Bianchi (2018), as “condições históricas nas quais ocorreu o desenvolvimento do capitalismo nos Estados Unidos permitia que a indústria se desenvolvesse em uma posição central na economia, organizando ao seu redor toda a vida social” (*Ibid.*, p. 254). Nesse sentido, a indústria torna-se o centro de todas as relações sociais e nada escapa de seu escopo; a indústria organiza a vida dentro e fora da fábrica e, portanto, é central na organização da sociedade estadunidense.

Tomando como base o parágrafo 61 do Primeiro Caderno, é possível apreender que esse processo proveniente do chão da fábrica só pode tomar forma através da racionalização da população, ou seja, a direção e a dominação são viabilizadas quando todas as classes sociais tenham uma função específica no mundo produtivo, que não exista uma classe puramente parasitária e fora do processo de produção – como é o caso de rentistas. Com isso, racionaliza-se a produção através da combinação de elementos de força, como a destruição dos

¹⁴ Aqui usaremos o parágrafo 24 do Caderno 19 como base para o conceito de hegemonia, precisamente a passagem: “O critério metodológico sobre o qual se deve basear o próprio exame é este: a supremacia de um grupo social se manifesta de dois modos, como ‘domínio’ e como direção intelectual e moral’. Um grupo social domina os grupos adversários, que visa a ‘liquidar’ ou a submeter inclusive com a força armada, e dirige os grupos afins e aliados. Um grupo social pode e, aliás, deve ser dirigente já antes de conquistar o poder governamental (esta é uma das condições principais para a própria conquista do poder)” (Q. 19, § 24, p. 2010)

núcleos sindicais, e de persuasão, como os altos salários para manter os trabalhadores em seus cargos (Q.1, § 61, p. 70-2).

Por fim, tem-se o indivíduo, a figura elementar do modelo americanista. Como afirma Liguori (2015), a noção gramsciana de indivíduo é essencialmente relacional, ou seja, contempla a existência dos sujeitos enquanto “fundamentalmente e necessariamente em relação com outros e, assim, como parte de um contexto socio-cultural do qual o indivíduo, em larga medida, depende e é por ele afetado” (*Ibid.*, p. 49). Assim, para que se garanta a racionalização das funções das camadas sociais e da produção, é necessário que ocorra uma reorganização da estrutura e das relações reais entre os indivíduos e o mundo econômico (Q. 8, § 185, p. 1053). Nesse sentido, o indivíduo deverá estar apto a cumprir sua função no modo de produção fordista, aptidão essa que vem através de uma elaboração forçada de um novo tipo humano que interiorize as novas exigências psicofísicas desse modelo. Em outras palavras, uma nova forma de trabalho requer novas técnicas de produção que só poderão ser apreendidas através de mecanismos que controlem a vida dos trabalhadores dentro e fora da fábrica.

Sobre esse aspecto, Gramsci destaca que, fora da fábrica, é preciso garantir que o trabalhador não “desperdice” sua energia em atividades que possam de alguma forma atrapalhar seu desempenho na linha de produção. Portanto, o trabalhador é bem remunerado pelo seu trabalho, tendo nos altos salários um incentivo à sua permanência. Mas, ao mesmo tempo, é freado pelas *barreiras morais* estabelecidas e coagido a gastar racionalmente seu salário. Através das medidas de fiscalização, seja pelo Estado – através de Leis como o *proibicionismo* –, seja pela empresa, o trabalhador interioriza uma *mentalidade racional* que está devidamente alinhada aos interesses da classe dominante: tudo o que pode degradar sua disposição física para o trabalho deverá ser cerceado. Por isso que as relações sexuais também recebem uma atenção especial por parte dos industriais: o apelo à monogamia e o combate às formas distintas de relações que divirjam da estabilidade das relações sexuais monogâmicas (Q. 22, § 11, p. 2167-8). Por essa razão, Gramsci afirma: “não se

pode desenvolver o novo tipo de homem exigido pela racionalização da produção e do trabalho enquanto o instinto sexual não for adequadamente regulamentado, não for também ele racionalizado” (Q. 22, § 3, p. 2150). Dentro da fábrica, é necessário que haja um trabalhador sem uma ligação intelectual com o trabalho, que realize apenas uma repetição mecânica de sua função na linha produtiva e não transpasse nenhum reflexo de sua personalidade no trabalho (Q. 22, § 11, p. 2165).

Tem-se, então, duas brutas investidas: uma contra o envolvimento humano na produção e outra contra a humanidade do trabalhador (FRESU, 2020, p. 337). Aqui, o trabalhador não passa de uma mera engrenagem e, enquanto tal, deve estar sempre bem lubrificada para garantir o pleno funcionamento de todo o mecanismo. E é por essa razão que não só o trabalho deveria ser padronizado, mas a vida do trabalhador também: o ‘homem novo’ que esse modo de produção requer é o *gorila amestrado* (BARATTA, 2004, p. 166). E é nesse sentido que a hegemonia se origina na indústria, no plano econômico, e se ramifica para os demais planos sociais.

Em todo caso, essa é a situação nos Estados Unidos. Assim como Gramsci olhou para a experiência russa dos *soviets* e pensou sua *tradutibilidade* para realidade italiana, no caso do Americanismo, Gramsci pondera como esse modo de vida e de produção pode ser entendido dentro da realidade europeia, de modo geral, e na realidade italiana, especificamente. Nesse sentido, para Gramsci, a questão relevante extraída da análise do modo de produção estadunidense era: os EUA com sua produção econômica de destaque estão forçando a mudança da estrutura econômica europeia e, com isso, forçando a transformação do tipo de civilização europeia? (Q. 22, § 15, p. 2178-9).

A situação estadunidense e europeia se diferenciam em três grandes aspectos: o econômico, o demográfico e o político: enquanto nos Estados Unidos a situação era de um fordismo plenamente estabelecido, a Itália ainda tinha uma produção industrial, em parte, pré-fordista (LIGUORI, 2015, p. 47); a população europeia possuía em suas camadas sociais as classes puramente parasitárias e fora do mundo produtivo, o que tornava o Estado italiano era incapaz de “assumir

a função de direção econômica no sentido necessário para a realização da revolução econômico-financeira indispensável para o desaparecimento dos rentistas e a americanização da península” (BIANCHI, 2020, p. 263). Por essa razão, o surgimento de um modo de produção de tipo americano não pode se dar da mesma forma na Itália.

Em essência, a mudança no modo de produção capitalista ocorrida nos Estados Unidos aparece como uma longa transformação consolidada pelo industrialismo, como uma modificação das relações sociais levadas a cabo sob a direção das velhas classes dominantes e, dessa forma, tem o caráter de uma *revolução passiva* no modo de produção capitalista. Em outras palavras, o Americanismo e fordismo não representam uma forma social diferente da forma capitalista, mas uma mudança na base material no sentido de adequá-la às exigências de um novo contexto sócio-político: o advento da sociedade de massas (FRESU, 2020, p. 336; BIANCHI, 2020, p. 265; VACCA, 2012, p. 210, 220).

Entretanto, ao passo que a transformação do mundo econômico sem a alteração do mundo político ocorria nos Estados Unidos através de um arranjo espontâneo entre ‘governo das massas’ e ‘governo da economia’, viabilizado pela racionalização demográfica do país, consolidava as bases materiais (estrutura) sobre os componentes ideológicos (superestrutura), na Itália, a burguesia só poderia gerar e consolidar sua hegemonia através dos mecanismos ideológicos tradicionais, através da política (BIANCHI, 2018). Como afirma Bianchi (*Ibid.*, p. 254), ali apenas a hegemonia proletária poderia nascer do chão da fábrica, e, enquanto tal, se origina carregada de um “espírito de ruptura” em relação ao poder e à lógica capitalista (BARATTA, 2004, p. 173).

Para que a hegemonia proletária se origine na fábrica tem-se como tarefa primordial que o proletariado apreenda o caráter transitório e não interdependente da unidade entre desenvolvimento técnico-industrial com os interesses da classe dominante, ou seja, que é possível se apropriar da técnica de produção apresentada pelo modelo fordista, mas alinhada às necessidades e interesses das classes subalternas (BARATTA, 2004, p. 157; LIGUORI, 2017,

p. 587-8). Substitui-se, portanto, a direção e o domínio burguês sobre o modo de produção; retira-se a apropriação fetichista do processo produtivo, e com ela o caráter de revolução passiva, uma vez que a classe dominante e dirigente não permanece a mesma. Nas palavras de Gramsci:

“Não são dos grupos sociais ‘condenados’ pela nova ordem que se pode esperar reconstrução, mas sim daqueles que estão criando, por imposição através do próprio sofrimento, as bases materiais desta nova ordem: estes últimos ‘devem’ encontrar o sistema de vida ‘original’ e não marca americana, a fim de transformarem em ‘liberdade’ o que é hoje ‘necessidade’” (Q. 22, § 15, p. 2179).

Sendo assim, frente a “um processo de mecanização e de esvaziamento de conteúdo humano do trabalho operário” coloca-se como estratégico e essencial para o princípio de uma nova civilização o movimento de apropriação comunista das técnicas do trabalho industrial (BARATTA, 2004, p. 165). Para Gramsci, dessa forma, a discussão é posta com um objetivo: a formulação de uma pedagogia revolucionária que forme quadros *intelectuais orgânicos* do proletariado “à altura dos desafios postos pelos coletivos operários da produção fordista de massa” (*Ibid.*, p. 165); enquanto tal, os intelectuais ocupam uma função organizativa e conectiva no processo de formação da hegemonia (VOZA, 2017, p. 431).

Em certa medida, o nascimento da hegemonia operária na produção industrial aparece a partir da exploração de uma contradição imposta justamente pelo modo de produção industrial, uma vez que o taylorismo e o modelo fordista se apresentam como novas formas de produção capitalista, mas só podem ser plenamente efetivadas com um trabalhador consciente de sua posição no processo produtivo:

“Numa fase histórica em que o trabalhador toma consciência de si e de sua função e, por isso, atinge plena subjetividade social e política, a automação do trabalho não é capaz de ir além da contradição fundamental entre capital e trabalho. O taylorismo só pode objetivar adequadamente sua natureza programática num contexto dominado pela autogestão dos trabalhadores, quando o proletariado

assumir a função de direção econômica” (FRESU, 2020, p. 339).

Nas palavras de Gramsci, significa entender que:

“O ‘trabalhador coletivo’ entende que ele ou ela é tal, não apenas em cada fábrica individual, mas nas esferas mais amplas da divisão nacional e internacional do trabalho, e esta consciência adquirida dá origem a uma manifestação externa, política, precisamente nos corpos que representam a fábrica como produtora de objetos reais e não de lucro” (Q. 9, § 67, p. 1138).

Almeja-se, portanto, um operário com a sua produção e o seu modo de vida, um ‘Americanismo’ e ‘fordismo’ que surja da classe trabalhadora, e não um que seja imposto à esta pela classe dominante (MACHADO, 2019, p. 76).

Frente a essa exposição, destaco que a temática da emancipação dos trabalhadores a partir da fábrica, desenvolvida por Gramsci do *Biennio Rosso* até o cárcere, teve o mesmo fio condutor: a organização autônoma dos trabalhadores. Se antes a tarefa dos operários estava em se desvencilhar das instituições tradicionais da democracia liberal burguesa – como os sindicatos – e buscar nos Conselhos uma forma de “representação direta dos proletários organizados sobre a base da fábrica e seu processo produtivo” (LIGUORI, 2020, p. 12), na reflexão produzida no período do cárcere – que já trazia os elementos mais consolidados de uma lógica fordista de produção –, a tarefa da classe trabalhadora estava em tomar consciência de sua função no processo produtivo e deixar de ser um mero prolongamento da máquina.

Agora será apresentado de maneira mais detalhada a composição do Caderno 22 e também como a psicanálise é introduzida nessa parte da reflexão gramsciana.

Análise do Caderno 22: Americanismo e fordismo

Com a atenção voltada para os Estados Unidos, Gramsci destaca uma característica da composição demográfica do país como a pré-condição para a reestruturação da sociedade americana para adequação ao novo modo de

produção: a ausência de classes sem função essencial no modo de produção, classes parasitárias. Por si só, esse é um fator distinto em relação à composição demográfica da Europa, que tem o acúmulo histórico de classes geradas pela riqueza, os burgueses rentistas que são proprietários de terra e produtores de poupança, que em seu conjunto formam um estrato populacional “passivo economicamente” (Q 22, § 2, p. 2141-3). O fato de as classes terem sua função essencial no modo de produção ao longo de todo país, faz Gramsci identificar nos Estados Unidos uma maior facilidade para implementação de uma racionalização da produção e do trabalho, feita através de uma “combinação hábil” da força e da persuasão (*Ibid.*, p. 2145), e encontra sua expressão mais efetiva, o “tipo americano mais aperfeiçoado, na indústria de Henry Ford (*Ibid.*, p. 2140). E aqui é formulada uma característica crucial do *Americanismo*, que é sua hegemonia ser estabelecida e exercida pela fábrica, sem a atuação direta dos profissionais da política e da ideologia (*Ibid.*, p. 2146). Pela força, há o desmantelamento do sindicalismo operário a nível nacional, fomentado por mudanças no âmbito jurídico que criaram as condições formais para tal (*Ibid.*, p. 2146 cf. Q 22, § 6, p. 2157); o trabalhador não pode se organizar, se mobilizar e se opor. Pela persuasão, pelo consenso, há a atribuição de benefícios sociais e os altos salários como forma transitória de retribuição (Q 22, § 2, p. 2146 cf. Q 22, § 13, p. 2171)

Chegasse dessa maneira a uma homogeneização social através de uma massiva propaganda política e ideológica, nova educação do indivíduo a um novo tipo de civilidade, às formas novas de produção e de trabalho (Q 22, § 10, p. 2161 cf. Q 22, § 16, p. 2181); exemplo disso para Gramsci seria o papel fundamental que o *proibicionismo* exerceu nos Estados Unidos para adequar o trabalhador à indústria fordista, assim como a inspeção dos patrões sobre a vida íntima dos operários (Q 22, § 11, p. 2165). No *Americanismo*, existe um interesse dos industriais pela vida de seus trabalhadores, seja dentro, seja fora da fábrica. Assim, o controle moral sobre a vida dos trabalhadores torna-se elemento fundamental para o exercício pleno da hegemonia do *Americanismo*, uma vez que a adaptação ao novo método de produção não se faz apenas pela coerção social (Q 22, § 13, p. 2171). E é nesse processo que Gramsci situa a psicanálise

como expressão da crescente coerção moral exercida pelo aparato estatal e social sobre os indivíduos (Q 22, § 1, p. 2140). Mas como a psicanálise entra nessa reflexão?

De modo mais sutil, é possível compreender a entrada da psicanálise ao voltar a atenção para a carta escrita à Giulia em 20 de outubro de 1930, na qual Gramsci destaca seu interesse pelo aspecto psicológico das medidas que os industriais americanos (em especial Ford) vinham adotando para controlar seus trabalhadores para além do trabalho, que resultaram em um domínio sobre suas vidas privadas em seus pontos mais íntimos, ditando seu estilo de vida (LC, p. 359-60).

O que nas cartas é tido apenas como *aspecto psicológico* sem muitas explicações, nos Cadernos, essa discussão começa explicitamente a trazer Freud e a psicanálise para dentro:

“O núcleo mais saudável e imediatamente aceitável do freudismo é a necessidade de estudar as repercussões mórbidas que toda construção de ‘homem coletivo’, de todo ‘conformismo social’, de todos os níveis da civilização, em especial os das classes que ‘fanaticamente’ fazer um novo tipo humano alcançar uma ‘religião’” (Q 15, § 74, p. 1833).

Ao que nos parece, o trecho acima apresenta de forma explícita como a teoria freudiana encontra seu lugar na análise dos efeitos causados pela transformação forçada nas formas de dominação social e de organização da produção, tendo o foco nas consequências impostas aos indivíduos pela adequação ao novo modo de vida exigido pela racionalização do trabalho.

Entretanto, na visão gramsciana, as consequências não são postas de forma uniforme entre as diferentes classes sociais. Da mesma forma, a teoria freudiana não pode ser tida como ferramenta para análise dessas consequências da sociedade como um todo. As resistências à adequação a um novo modo de vida ganham expressão apenas nas classes mais altas, não nas subalternas. Isso se dá pelo fato de que a pressão e a coerção nas classes subalternas se exprimem de forma mais bruta, o que não abre margem para

escolha de fazer diferente, uma vez que os que escapam do que é exigido são severamente sancionados. Nesse sentido é que Gramsci afirma que o inconsciente surge¹⁵ “a partir de dezenas de milhares de liras”:

“Um soldado recrutado não sentirá o mesmo grau de remorso por possíveis assassinatos cometidos na guerra que um voluntário etc. (dirá: fui ordenado, não poderia fazer diferente etc.) É possível notar o mesmo nas diversas classes: as classes subalternas terão menos ‘remorso’ moral, porque o que fazem as preocupam em sentido lato, mais amplo etc. Portanto, o freudismo é uma ‘ciência’ aplicada apenas às classes superiores, e se pode dizer [...] que o ‘inconsciente’ começa apenas a partir de dezenas de milhares de liras” (Q 15, § 74, p. 1833).

Já no Caderno 22, Gramsci aparenta abandonar a noção de um certo *elitismo psicanalítico* e consegue apresentar o ponto de chegada, digamos assim, de sua reflexão acerca da psicanálise. Isso, uma vez que é nesse momento que Gramsci consegue traçar uma ponte entre Freud (e sua teoria), o debate sobre a questão sexual que ocorria no contexto italiano e, por fim, o *Americanismo* e *fordismo*. Para explicar essa relação, apresentaremos inicialmente dois parágrafos desse caderno: 3 e 10, respectivamente *Alcuni aspetti della quistione sessuale* [*Alguns aspectos da questão sexual*] e *Animalità e industrialismo* [*‘Animalidade’ e industrialismo*].

No primeiro, Gramsci retoma a discussão sobre a adequação à nova vida imposta pelo trabalho fordista, com a ênfase nos ‘instintos sexuais’, afirmando que esses foram os que mais sofreram repressão na sociedade em desenvolvimento. E é justamente nesse processo de repressão para adequação que se situa a psicanálise, agora não mais restrita apenas às classes altas, mas também aos trabalhadores. Freud, então, aparece como o agente através do qual a crítica à repressão dos impulsos sexuais dos indivíduos no mundo industrial é feita:

¹⁵ Escapa do nosso propósito fazer uma discussão mais profunda sobre as possíveis distinções, dentro de uma visão de mundo marxista, entre a aplicação da teoria psicanalítica em uma análise acerca de indivíduos de classes subalternas e classes altas, mas pode ser uma discussão interessante de ser levada adiante.

“Foram os instintos sexuais os que sofreram a maior repressão por parte da sociedade em desenvolvimento; a ‘regulamentação’ dos mesmos, pelas contradições que gera e pelas perversões que lhes são atribuídas, parece a mais ‘contrária à natureza’ e, portanto, são mais frequentes neste campo os apelos à ‘natureza’. Também a literatura ‘psicanalítica’ é um modo de criticar a regulamentação dos instintos sexuais, de forma por vezes ‘iluminista’, com a criação de um novo mito ‘selvagem’ com base sexual. (Incluídas as relações entre pais e filhos)” (Q.22, § 3, p. 2147-8).

O que chama atenção nesse parágrafo, porém, é a centralidade que a questão sexual ocupa na reflexão sobre *Americanismo*. A argumentação de Gramsci ganha uma maior robustez pois sai de uma ampla noção de ‘readequação da vida do trabalhador’ e avança para a constatação de que o mundo industrial tem como base a racionalização do trabalho e também a racionalização do instinto sexual. O impulso primitivo e natural do indivíduo ganha um lugar de destaque nos interesses dos industriais, pois sem a sua devida regulamentação e racionalização, o modo de produção de tipo fordista não pode ser efetivado plenamente:

“a vida na indústria exige um aprendizado geral, um processo de adaptação psicofísica a determinadas condições de trabalho, de nutrição, de habitação, de costumes, etc, que não é algo inato, ‘natural’, mas exige ser adquirido, ao passo que as características urbanas adquiridas são transferidas por herança ou absorvidas no decorrer da infância e da adolescência. Assim, a baixa natalidade urbana exige um contínuo e relevante gasto com o aprendizado dos novos urbanizados e traz consigo uma permanente modificação da composição sociopolítica da cidade, colocando continuamente em novas bases o problema da hegemonia. A questão ético-civil mais importante da questão sexual é a formação de uma nova personalidade feminina: enquanto a mulher não tiver alcançado não apenas uma real independência em face do homem, mas também um novo modo de conceber a si mesma e a seu papel nas relações sexuais, a questão sexual continuará repleta de aspectos mórbidos e será preciso ter cautela em qualquer inovação legislativa [...] Deve-se observar como os industriais (especialmente Ford) se interessam pelas relações sexuais de seus empregados e, em geral, pela organização de suas

famílias; a aparência de ‘puritanismo’ assumida por este interesse (como no caso do proibicionismo) não deve levar a avaliações erradas; a verdade é que não se pode desenvolver um novo tipo de homem exigido pela racionalização da produção e do trabalho enquanto o instinto sexual não foi adequadamente regulamentado, não for também ele racionalizado” (*Ibid.*, p. 2149-50).

Dessa forma, entendemos que a psicanálise aparece como uma ferramenta crítica à regulamentação dos instintos sexuais, sobre o crescente controle moral sobre os trabalhadores no contexto da indústria americana. Mais adiante, no parágrafo 10, Gramsci mostra como, em um caso específico, essa ferramenta pode ter sua utilidade expandida para as massas trabalhadoras.

Nele, notamos uma reflexão sobre a constante repressão dos instintos naturais em favor de novos hábitos e normas a serem adquiridos pelos indivíduos, um processo que se repete a cada nova forma de civilização que uma sociedade alcança, ou seja, a cada nova forma de produção e trabalho, e é levado a cabo através de uma coerção brutal exercida pelo domínio de um grupo social sobre todas as forças produtivas da sociedade; o que se tem, dessa forma, é uma pressão coercitiva realizada necessariamente sobre toda a área social. O resultado dessa repressão é sempre de caráter prático, e sua face imediata exprime uma reprodução mecânica, e ainda não internalizada, dos novos hábitos (Q. 22, § 10, p. 2161). Concretamente, essa pressão é exercida através da criação de ideologias puritanas capazes de dar a “forma exterior da persuasão e do consenso ao uso intrínseco da força” (*Ibid.*, *Idem*), o processo de estabelecimento de uma nova hegemonia.

Na medida em que são percebidos esses resultados imediatos, há um afrouxamento da pressão coercitiva nos estratos superiores da sociedade, o que resulta em uma crise – a crise do *libertinismo* – restrita às classes médias e a uma porção da classe dominante; é restrita uma vez que as classes trabalhadoras ou já interiorizaram os novos hábitos e normas, ou ainda se encontram sob a pressão coercitiva contínua (*Ibid.*, p. 2162).

Nesse sentido, Gramsci aponta para uma particularidade no momento do Americanismo, as primeiras décadas do século XX. Durante a primeira guerra mundial, houve sobre os soldados a imposição da adequação à vida nas trincheiras, que requereu uma intensa repressão dos instintos sexuais em uma grande massa de jovens. No pós-guerra, com o afrouxamento dessa imposição e o consequente retorno à vida normal, gerou-se uma crise, mas uma crise muito profunda e violenta ao passo que, de um lado, não ficou restrita às camadas superiores, mas tocou todos os estratos da população, e, de outro, entrou em conflito direto com as necessidades de disciplina e regulamentação dos instintos sexuais impostas pelo novo modo de produção em ascensão, o Taylorismo. Dito de outra forma, a crise tornou-se mais profunda na medida em que aparecia como expressão do alívio de uma pressão sobre os instintos sexuais do período da guerra, e foi amplificada com a nova pressão sobre os instintos, agora originada no interior do processo produtivo (*Ibid.*, p. 2162-3).

Segundo Gramsci, em meio a esse processo, há o desenvolvimento de uma nova utopia, o amadurecimento de uma ideologia de caráter iluminista e libertário pelas classes sem relação direta com o trabalho produtivo, mas com potencial de penetrar nas classes trabalhadoras, o que pode representar uma ameaça à repressão em curso caso, em determinado Estado, a massa trabalhadora já não sofrer “a pressão coercitiva de uma classe superior, se os novos hábitos e aptidões psicofísicos ligados aos novos métodos de produção e de trabalho tiverem de ser absorvidos pela via da persuasão recíproca ou da convicção individualmente proposta e aceita” (*Ibid.*, p. 2163). Sendo esse o caso, a ameaça torna-se real por geral uma *hipocrisia social totalitária*, ou seja, um embate interno ao indivíduo entre a propagação verbal da ideologia a ser aceita, e a prática *animalesca*, que rejeita as novas práticas e, no limite, ocasiona a não absorção das aptidões psicofísicas necessárias aos novos métodos de trabalho (*Ibid.*, *Idem*). Assim, conclui Gramsci, o desenvolvimento de uma mentalidade iluminista e libertária no âmbito das relações sexuais é o que pode fazer oposição à função coercitiva das elites (*Ibid.*, *Idem*).

Como destaca Boni (2017), Gramsci, notando que o sofrimento individual também atinge as massas, passo que o freudismo pode ser entendido enquanto “uma racionalidade irrenunciável para evitar que o projeto de emancipação comunista se transforme em uma forma potencializada de ‘mal-estar na civilização’” (BONI, 2017b, p. 323). Estando, assim, em aparente avanço em sua percepção de ‘psicanálise restrita às elites’ exposta no parágrafo 74 do Caderno 15. Em outras palavras, a psicanálise aparece na sua reflexão sobre o Americanismo como uma ideologia burguesa dotada da capacidade de fornecer certa resistência ao processo de adaptação psicofísica (em especial na repressão dos instintos sexuais) dos trabalhadores ao novo modo de produção; em outras palavras, é através da questão sexual que Gramsci consegue fazer a ligação entre a teoria psicanalítica freudiana e sua reflexão mais extensa sobre o processo de modernização do trabalho e da sociedade, em especial nos Estados Unidos.

2.2 - GRAMSCI E FREUD: A LITERATURA

Nesse segmento das notas sobre psicanálise, Gramsci dedica sua reflexão às apropriações da teoria psicanalítica feitas pelo belga Henri De Man, centralizando na articulação do autor para formulação de suas doutrinas sociais com uma base freudiana, que resulta em uma obra psicanalítica-antimarxista marcada pela exaltação da análise psicológica dos operários em detrimento absoluto da tomada de consciência dos mesmos no campo da ideologia; a primeira menção ocorre no parágrafo 32 do Caderno 7, continuando nos parágrafos 26 e 66 dos Cadernos 10, 11, respectivamente.

No primeiro, Gramsci começa afirmando a falta de originalidade das ideias de De Man, destacando sua argumentação em *La gioia del lavoro* [*Alegria do trabalho*] são construídas a partir das ideias do economista americano Thorstein Veblen. Então, Gramsci traz o elogio de Benedetto Croce a De Man, que considera sua teoria como uma clara superação do marxismo, adicionando, de um lado, que a obra de De Man merecia ser traduzida e amplamente difundida pela Itália e, de outro, que De Man deveria ser situado entre Freud e o filósofo liberal Herbert Spencer por, como os dois intelectuais, também ter regressado “a uma forma de *sensorialismo* ainda mais misterioso do que o do século XVIII” (Q. 7, § 32, p. 881).

No § 26 do Caderno 10, o marxista sardo afirma que De Man é uma derivação da corrente psicanalítica, sendo que sua ‘originalidade’ é, em verdade, resultado do uso de termos psicanalíticos em sua obra, evidenciando, assim, sua dependência estrita da corrente psicanalítica freudiana:

“Juízos de Croce sobre o livro de De Man, *Il Superamento del Marxismo*, mostram que na atitude de Croce, atualmente, o elemento “prático” imediato predomina sobre a preocupação e os interesses teóricos e científicos. De Man, de fato, é uma derivação da corrente psicanalítica, sendo toda a presumida originalidade de suas pesquisas uma decorrência do emprego de uma terminologia psicanalítica exterior e viscosa. A mesma observação pode ser feita com relação a De Ruggiero, que resenhou não só a *Superação* como também *La gioia del lavoro*, tendo escrito posteriormente uma catilinária apressada e

superficial sobre Freud e a psicanálise, sem ter porem observado que De Man depende estreitamente dessa corrente” (Q. 10, § 26, p. 1264-5).

De fato, quando voltamos a atenção para sua obra citada por Gramsci, *Au-delà du marxisme* [*Para além do marxismo*], é perceptível o quanto De Man depende da teoria psicanalítica para a construção de seu argumento. De Man (1926) abre seu livro com a premissa de que o socialismo atravessa uma crise intelectual em razão das convulsões sociais causadas pela Primeira Guerra Mundial (*Ibid.*, p. 34). Para o belga, o ideário socialista precisou se adaptar à situação do pós-guerra e, nesse movimento, uma velha crise entre a teoria marxista e a prática dos trabalhadores encontrou seu ápice (*Ibid.*, *idem*). Sendo assim, o autor defende que o marxismo perdeu seu vigor intelectual, deixando de satisfazer as curiosidades dos leitores em geral (*Ibid.*, p. 35).

Se afastando completamente de uma visão de mundo enraizada na concepção marxista da luta de classes, De Man (1926) afirma que, por mais que exista uma desigualdade entre as camadas ricas e pobres da sociedade, não há razão para afirmar que essa última é explorada pela primeira (*Ibid.*, p. 54). Na visão do intelectual belga, o que existe na realidade não é uma situação de exploração, mas sim um *sentimento* de exploração por parte do indivíduo: na medida em que o trabalhador não consegue satisfazer suas necessidades com o resultado de seu trabalho e, ao mesmo tempo, tem a percepção de que outros satisfaçam suas próprias necessidades com os frutos de seu trabalho, ele se sente explorado (*Ibid.*, p. 55). Não se trata, então, de um conflito entre as classes, um conflito entre os interesses de diferentes camadas sociais, mas sim de uma constante tensão entre *necessidade* e *satisfação* (*Ibid.*, *idem*). Tem-se, dessa forma, o destaque dos elementos subjetivos em uma análise social.

Para De Man (1926), o advento do capitalismo trouxe um acirramento dessa tensão, ao passo que a sociedade de massas trouxe consigo a exigência de igualdade de direitos (*Ibid.*, p. 56). Com a consolidação do industrialismo, De Man nota que novas *necessidades* foram apresentadas, mas a *satisfação* não acompanhou esse crescimento (*Ibid.*, *idem*). Nas palavras de De Man, o “instinto

aquisitivo” fora exacerbado na sociedade capitalista, e todos os indivíduos ficaram a ele sujeitos:

“O efeito desta mudança psicológica sobre os trabalhadores foi reforçado pela ameaça de desemprego que sentiam que enfrentavam. O seu ideal de uma vida modesta, garantido pelo seu trabalho árduo, desapareceu. A partir daí, foi necessário ganhar o máximo possível para sobreviver aos maus momentos e assegurar uma vida melhor para as crianças” (*Ibid.*, p. 56-7).

Nesse sentido, De Man (1926) coloca que a teoria marxista da mais-valia, e a consequente constatação de uma situação de exploradores *versus* explorados, é uma falha na compreensão da realidade; o trabalhador alterou seu senso de direito, internalizou a ideia de que *precisava* de mais e, com isso, o espaço entre o que *se tem* e o que *se gostaria de ter* aumentou (*Ibid.*, p. 58). Um “fenômeno puramente psicológico” que resulta em um indivíduo ressentido que compara a sua situação com a situação de outros que possuem mais que ele (*Ibid.*, *idem*).

Nesse momento, o intelectual belga parte para um duplo movimento: apresentar o problema central da sociedade capitalista e, afirmando a incapacidade do marxismo de solucionar esse problema, declarar a superação dessa tradição teórica. A base de seu argumento é: o trabalho humano cria o *agradável* antes do *útil*, no sentido de que o indivíduo tem como “condição psicológica mais importante para a origem do trabalho” o desejo imperativo da “alma humana de se projetar no plano do mundo externo”, afastando a noção de que “o conhecimento do papel prático do trabalho que incita o homem ao esforço” (*Ibid.*, *idem*). O trabalho, portanto, é uma satisfação do desejo dos indivíduos e traz consigo a alegria. Entretanto, e aqui o autor apresenta a problemática central de seu argumento, o trabalho na sociedade contemporânea prioriza o útil ao agradável, frustrando a busca pela alegria na realização do mesmo; dessa forma, De Man (1926) questiona: em uma sociedade em que o trabalho produz bens cada vez mais úteis e gera menos alegria aos trabalhadores, como pode o ser humano encontrar a felicidade, não só através do trabalho, mas também no trabalho? (*Ibid.*, p. 59).

De Man (1926), após afastar a noção de conflito de classe, de exploração do trabalhador, de extração da mais-valia da análise da sociedade capitalista, centrando sua compreensão em elementos puramente psicológicos dos indivíduos, afirma que o marxismo “em sua ignorância psicológica e no desconhecimento das realidades da vida” não considera que, para o trabalhador, a diminuição da alegria é igualmente prejudicial à diminuição de seus recursos (*Ibid.*, p. 59). Para o belga, o marxismo explica “as manifestações do subconsciente pelas manifestações do consciente que dele derivam, em vez de fazer o contrário”, o que resulta na crença de que

“o capitalismo separou o produtor dos meios de produção. Mas algo ainda mais grave aconteceu: o capitalismo separou o produtor da produção, o trabalhador do trabalho. Criou assim um espírito de repugnância ao trabalho, que melhores condições materiais de vida contribuíram muitas vezes para o tornar mais agudo em vez de o diminuir; e não é uma simples deslocação de propriedade que irá curar este mal” (*Ibid.*, *idem*).

Em suma, De Man (1926) compreende que o problema da sociedade capitalista está na falta de alegria no trabalho. Seu argumento avança na tentativa de demonstrar como todo o progresso da técnica industrial e as mudanças no modo de produção atuam para, cada vez mais, afastar o trabalhador do resultado de seu trabalho, dos meios de seu trabalho, da matéria-prima e do controle sobre a duração e a intensidade de seu trabalho (*Ibid.*, p. 61). A máquina industrial moderna substitui a iniciativa do trabalhador, estabelece o ritmo de trabalho e reprime todo o *desejo de fazer* do trabalhador (*Ibid.*, *idem*). Não se trata de conflito de classe, se trata de repressão dos desejos.

E é dessa forma que De Man (1926) constrói sua crítica ao socialismo e ao marxismo com elementos psicanalíticos: apresenta uma sociedade enraizada na subjetividade dos indivíduos, em que todas as relações são postas como uma relação entre necessidade e satisfação, em que o desejo é o protagonista. Nesse sentido, consegue apresentar um cenário para a superação do marxismo, uma vez que retira todos os elementos fundamentais da teoria marxista da mesa. Não

deixa de ser uma crítica rasa, já que a “força” de seu argumento está em demonstrar que o marxismo não se dedica a questões que não se propõe a lidar, reduzindo a luta de classes à “representação compensatória de um complexo de inferioridade que surgiu através de um longo desenvolvimento histórico das condições de vida da classe trabalhadora” (*Ibid.*, p. 77).

Agora, voltando aos Cadernos, é interessante notar como o interesse de Gramsci está mais voltado para evidenciar como De Man é mobilizado na Itália do que propriamente se estender em uma crítica ao intelectual belga: logo no início do parágrafo o marxista sardo aponta os juízos de Croce sobre De Man. Atendo-se para aspectos da recepção da obra do intelectual belga na Itália, sua boa aceitação aparece em virtude do conservadorismo predominante de De Man, que, por sua vez, alinhou-se com os ideais de Benedetto Croce (MEZZINA, 2017, p. 184); ainda assim, esse alinhamento não diz respeito às ideias de ambos, mas sim ao projeto de revisionismo do marxismo. Dessa forma, quando são publicadas as críticas bastante elogiosas sobre as obras de De Man, é possível, para Gramsci, notar um caráter estratégico dessa promoção crociana, condizente com a tentativa de liquidar de vez o materialismo histórico; ou seja, o alinhamento de Croce com De Man é meramente instrumental. Por isso, os “juízos de Croce sobre o livro de De Man, *Para Além do marxismo* mostram que na atitude de Croce, atualmente, o elemento prático imediato predomina sobre a preocupação e os interesses teóricos e científicos” (Q. 10II, § 26, p. 1264).

Então, pode-se dizer que, Gramsci identifica em De Man mais um sintoma do processo de revisionismo do marxismo na Itália do que uma teoria social relevante. Por essa razão, os apontamentos subsequentes que tratam de De Man aparecem, de um lado, para destacar usos que são feitos do intelectual belga por seus críticos italianos, e, de outro, para afirmar a má qualidade da obra do belga. Justamente por essa semelhança no conteúdo das notas, Gramsci agrupou todas no parágrafo 66 de Caderno 11; vejamos a primeira redação dessas notas.

Em primeiro, destaco o breve parágrafo 30 do Caderno 4. Aqui, Gramsci dedica uma argumentação mais extensa à sua crítica, iniciando com um

comentário acerca de uma resenha que Paolo Milano fez dos trabalhos de De Man, que elenca as duas contribuições principais do intelectual belga; a primeira delas diz respeito à análise psicológica dos movimentos operário e socialista da época, enquanto a segunda trata sobre como a obra de De Man poderia representar a superação alinhada com o repúdio do marxismo.

Nesse momento, abro um parêntese para apresentar um ponto interessante. Ao passo que Gramsci continua o parágrafo expondo as críticas de De Man ao marxismo e, em seguida, a defesa que o intelectual belga faz da interpretação dos atos humanos a partir de seus ‘motivos psicológicos’ e dos ‘complexos’ sociais que cada indivíduo faz parte, o marxista sardo afirma: “De Man é influenciado pela psicologia freudiana, especialmente através das aplicações às doutrinas sociais tentadas por Adler (Max Adler? em que escritos?)” (Q. 4, § 30, p. 446).

Essa constatação apresenta um avanço no conhecimento do marxista sardo em relação à psicanálise: como bem destacou Mancina (1991), o fato de Gramsci dispor de informações parciais e de segunda mão acabam por gerar equívocos em suas ideias centradas na teoria freudiana. Isso ocorre nessa passagem: Gramsci aponta para o psicanalista Alfred Adler, mas acerta no líder socialdemocrata Max Adler. Boni (2016) elucida que a teoria do complexo de inferioridade elaborada por Alfred Adler tinha como fundo uma

“concepção sócio-fisiológica da neurose, explicando-a justamente como um ‘complexo de inferioridade’ entre o biológico e o sociológico, o que acabava, aos olhos de Freud e dos freudianos, por dessexualizar o problema da neurose, mas que terá certa fortuna no freudomarxismo austríaco, atraindo o interesse mesmo de Trotski¹⁶” (*Ibid.*, p. 81).

De todo modo, finalizando o parêntese, não deixa de ser relevante o fato de que Gramsci demonstra certa familiaridade com a origem do conceito de *complexo de inferioridade* que é utilizado por De Man em sua obra, colocando a

¹⁶ Em sua autobiografia, Trotsky afirma que entrou em contato com a psicanálise através de seu amigo Ioffe, paciente de Alfred Adler (TROTSKY, 1969, p. 191).

possibilidade dele estar situado com o debate sobre a psicanálise na Áustria nos anos de 1920, possivelmente em razão de sua estadia em Viena entre 1923 e 1924 (BONI, 2017, p. 654).

Gramsci continua sua crítica a De Man no parágrafo 167 do *Caderno 8*, no qual afirma que trazer à luz e ao primeiro plano os valores éticos e psicológicos do movimento operário não implica em refutar o marxismo. Pelo contrário: Gramsci afirma que o simples fato de o materialismo histórico buscar modificar fase cultural daquele momento e colocando a questão da autoconsciência dos trabalhadores – como é o caso do próprio Gramsci em sua reflexão sobre Americanismo e fordismo – é uma evidência de que o marxismo já atua em uma problemática que De Man afirma ter descoberto, o que faz Gramsci, por fim, afirmar que a obra do belga não passa de um lugar-comum e é um elenco de ignorância. (Q. 8, § 167, p. 1041). Ainda, esse parágrafo é o único que sofre alterações substantivas em sua reelaboração no parágrafo 66 do *Caderno 11 – Sorel, Proudhon, De Man*; veja:

Texto A - Q. 8, § 167	Texto C - Q. 11, § 66
“Destacar os ‘valores psicológicos e éticos’ do movimento operário significa, talvez, refutar as doutrinas do materialismo histórico? Seria como dizer que a [grande] maioria dos habitantes do mundo ainda é ptolemaica, significa refutar as doutrinas de Copérnico. Marx afirma que os homens adquirem consciência de sua posição social no terreno das superestruturas; ele excluiu os proletários desse modo de se tornar consciente de si mesmo? Que o materialismo histórico procura modificar essa fase cultural, elevando a autoconsciência, etc., não significa que os mesmos materialistas históricos trabalhem naquele terreno que De Man acredita ter descoberto? A descoberta do De Man é um lugar comum e sua refutação é uma petição de princípio (ou elenco de ignorância)” (Q. 8, § 167, p. 1041)	“De Man tem a pedante pretensão de trazer a luz e ao primeiro plano os chamados ‘valores psicológicos e éticos’ do movimento operário; mas pode significar isso, como pretende De Man, uma refutação peremptória e radical da filosofia da praxis? Isso seria como afirmar que claro que a grande maioria dos homens ainda se encontra na fase ptolemaica, significa refutar as doutrinas de Copérnico, ou que o folclore deva substituir a ciência. A filosofia da praxis sustenta que os homens adquirem consciência de sua posição social no terreno das ideologias; ela excluiu o povo, por acaso, deste modo de tomar consciência de si? É uma observação óbvia, contudo, a de que o mundo das ideologias e (em seu conjunto) mais atrasado do que as relações técnicas de produção: um negro recém-chegado da África pode se tornar um trabalhador de Ford, mesmo mantendo-se por muito tempo um fetichista e mesmo permanecendo persuadido de que a antropofagia é uma maneira de alimentação normal e justificada. De Man, feita uma investigação a respeito, que conclusões poderia extrair deste fato? Que a filosofia da

	praxis deva estudar objetivamente o que os homens pensam de si mesmos e dos outros e indubitável; mas isto implica aceitar passivamente, como eterno, este modo de pensar? Não seria isto uma manifestação do pior dos mecanicismos e fatalismos? A tarefa de toda iniciativa histórica é modificar as fases culturais precedentes, tornar a cultura homogênea, em um nível superior ao precedente, etc. Na realidade, a filosofia da praxis trabalhou sempre naquele terreno que De Man acredita ter descoberto, mas trabalhou buscando inova-lo, não o conservar passivamente. A 'descoberta' de De Man é um lugar-comum; e sua refutação, uma ruminação pouco saborosa" (Q. 11, § 66, p. 1501)
--	--

O que notamos acima é uma argumentação mais consolidada e extensa na reescrita, orientada para enfatizar as críticas de Gramsci sobre as obras do intelectual belga, como é o caso da classificação do movimento de De Man como uma *pretensão pedante*, equivalente a substituição da ciência pelo folclore. Além disso, destacam-se alterações mais discretas, como a substituição dos termos *Marx* e *materialismo histórico* por *filosofia da práxis*. Tais mudanças compõem parte da estratégia adotada pelo marxista para escapar da censura que permeava o ambiente no qual escrevia (FROSINI, 2015, p. 43-7 cf. FRANCIONI, 2016, p. 20). Ademais, como foi mostrado, o parágrafo como um todo mostra como, para Gramsci, a recepção de De Man na Itália fora orquestrada, enfatizando seu sucesso como resultado da instrumentalização de sua obra, não como mérito de sua argumentação. Com isso, Gramsci refuta veementemente a noção de que De Man foi capaz de superar o marxismo.

CAPÍTULO 3: CONCLUSÃO

Com a exposição realizada, algumas observações finais.

Destarte, noto que o interesse de Gramsci pela teoria psicanalítica ocupa um *lugar* diferente na pesquisa gramsciana quando comparado a outras teorias ou autores, como Marx, Croce e etc. Por mais evidente que seja essa afirmação, ela carrega algumas implicações. Em primeiro lugar, é um interesse que nasce durante o período carcerário e, em especial, em uma discussão acerca de sua esposa, no íntimo de seu âmbito familiar que temos acesso através das *Lettere*.

Dentro do cárcere, o acesso a fontes para tomar conhecimento profundo da teoria psicanalítica se torna uma possibilidade muito remota, ainda mais quando se foca no fato de que a psicanálise naquela Itália não havia se difundido amplamente, muito também pelas restrições impostas pelo Regime Fascista. Nesse sentido, Gramsci se pauta muito por fontes indiretas, muitas delas que utilizam a psicanálise como uma ferramenta crítica ao marxismo, como De Man. Ao mesmo tempo, a análise de De Man pelo marxista sardo diz mais sobre seu interesse por Croce e os intelectuais italianos do que por Freud. Quando Freud é mobilizado nessas discussões, seu papel é figurativo, não ocupada o centro da discussão – o centro está nas teorias do intelectual belga e italiano.

Então, quando olhamos para os *Quaderni*, a psicanálise ocupa um lugar marginal: ela é mobilizada em discussões importantíssimas para o pensamento gramsciano, como em *Americanismo e fordismo*, mas de uma maneira que, no meu ponto de vista, evidencia sua falta de familiaridade com a teoria psicanalítica, seu contato pré-carcerário rudimentar, fatores esses que impedem Gramsci de elaborar discussões que mobilizem a psicanálise de forma mais profunda.

Em suma, ao longo dos capítulos, foi possível observar como Gramsci, ainda de maneira superficial, incorpora elementos psicanalíticos em sua reflexão dos *Quaderni* sobre a sociedade capitalista, especialmente no contexto do Americanismo e Fordismo, no qual foi destacada a importância da subjetividade, da conformação da individualidade nas transformações dos meios de produção.

Sendo assim, Gramsci de forma alguma aparenta ser um autor que pretende trazer a psicanálise como peça fundamental para uma análise marxista.

Agora, ao olhar para as *Lettere*, a situação é diferente. Na troca de cartas entre Gramsci, sua cunhada e sua esposa, o sardo expõe sua preocupação com a condição de Giulia, busca entender as razões pelas quais ela buscou se tratar com uma terapia de base psicanalítica e quais os efeitos que esse tratamento tem mostrado. Por isso, a psicanálise ocupa um lugar mais central nesse âmbito. É notável o esforço que Gramsci faz para buscar entender mais a fundo o que se propõe um tratamento psicanalítico, independentemente de qual seja seu juízo de valor sobre esse tratamento, ao passo que também se questiona sobre o seu papel nessa situação, sobre o local que a família ocupa no tratamento dos enfermos. Talvez, essa mistura entre a razão e a vontade, entre a pesquisa, a racionalidade e o sentimento, a preocupação, seja responsável por um aspecto *pendular* de Gramsci para com a teoria psicanalítica ao longo das *Lettere*, ora afastando totalmente, descredibilizando, ora reconhecendo alguns aspectos positivos que podem trazer uma melhora para sua esposa.

Entretanto, é preciso ressaltar que olhar isoladamente para a psicanálise nos *Quaderni* e isoladamente para a psicanálise nas *Lettere* é uma escolha estritamente analítica. Na realidade, é notada uma organicidade entre esses dois 'blocos'. Ou seja, um projeto de pesquisa que tem seu estopim a partir da condição de saúde de sua esposa, não ganha robustez devido à falta de contato direto com fontes psicanalíticas, e que acaba *respingando* em sua pesquisa carcerária sobre o *Americanismo* e, de forma ainda menos enfática, sobre a literatura italiana do início do século XX. Há, assim, uma integralidade entre as cartas e os cadernos, uma integralidade que tem seu centro em Freud e, de um lado, caminha principalmente para unir uma discussão em andamento naquela Itália – a questão sexual – com a teoria gramsciana do *Americanismo*; de outro lado, caminha para unir Giulia à psicanálise.

Dito isso, uma vez levantada a relação entre Gramsci e a psicanálise, é de se pensar a realização de esforços futuros que se proponham a fazer o que Gramsci não conseguiu fazer, ou seja, se aprofundar na teoria psicanalítica com

o intuito de a mobilizar junto com o pensamento gramsciano na tarefa de compreender as dinâmicas da sociedade contemporânea, destacando a importância de considerar a subjetividade e a psicologia individual no contexto das transformações sociais e políticas. Uma tarefa que poderia contribuir para uma compreensão mais ampla das interações entre a teoria política gramsciana e a psicanálise freudiana, oferecendo novas perspectivas para a análise crítica da sociedade contemporânea.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- AMENDOLA, G. La morale sessuale. **La Voce**, v. 9, n. 10/02/1910, 1910.
- ANGELINI, A. History of the unconscious in Soviet Russia: From its origins to the fall of the Soviet Union. **The International Journal of Psychoanalysis**, v. 89, n. 2, p. 369–388, abr. 2008.
- ASSAGIOLI, R. Le idee di Sigmund Freud sulla sessualità. **La Voce**, v. 9, n. 10/02/1910, 1910.
- BARATTA, G. **As rosas e os Cadernos: o pensamento dialógico de Antonio Gramsci**. 1. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2004.
- BIANCHI, A. **O laboratório de Gramsci: filosofia, historia e politica**. 2. ed. Porto Alegre: Editoria Zouk, 2018.
- BIANCHI, A. Introdução: um sardo no mundo grande e terrível. In: **Antonio Gramsci: filologia e política**. 1. ed. Porto Alegre: Editoria Zouk, 2019a.
- BIANCHI, A. Gramsci, América, América Latina. **Revista Outubro**, n. 31, 2019b.
- BIANCHI, A. **Gramsci entre dois mundos: política e tradução**. 1. ed. São Paulo: Autonomia Literaria, 2020.
- BIANCHI, A.; ALIAGA, L. Força e consenso como fundamentos do Estado: Pareto e Gramsci. **Revista Brasileira de Ciência Política**, v. 5, n. Dossiê 'Dominação e Contra-poder', 2011.
- BONI, L. Sigmund Freud. In: **Gramsci e seus contemporâneos**. Marília: Oficina Universitária, 2016.
- BONI, L. **Psicanálise. Dicionário Gramsciano**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2017a.
- BONI, L. **Freud, Sigmund. Dicionário Gramsciano**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2017b.
- BUTTIGIEG, J. Gramsci's Method. **Boundary 2**, v. 17, n. 2, p. 60–81, 1990.
- BUTTIGIEG, J. Ler e estudar Gramsci no Novo Milênio. In: **Antonio Gramsci: filologia e política**. 1. ed. Porto Alegre: Editoria Zouk, 2019.

CALLIGARIS, C. Petite histoire de la psychanalyse en Italie. **La Critique**, n. 333, 1975.

COLOMBO, D. Psychoanalysis and the Catholic Church in Italy: the role of Father Agostino Gemelli, 1925-1953. **Journal of the History of the Behavioral Sciences**, v. 39 (4), n. Wiley Interscience, 2003.

COSPITO, G. **Il ritmo del pensiero: per una lettura diacronica dei "Quaderni del carcere" di Gramsci**. Napoli: Bibliopolis, 2011.

DAVID, M. **La psicoanalisi nella cultura italiana**. Torino: Editore Boringhieri, 1967. v. 44

DEL ROIO, M. **Os prismas de Gramsci: a fórmula política da frente única (1919-1926)**. 2. ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019.

D'ORSI, A. **Gramsci: una nuova biografia**. Milano: Giangiacomo Feltrinelli Editore, 2017.

DURANTE, L. Nacional-popular. In: **Dicionário Gramsciano**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2017.

FIORI, G. **A Vida de Antonio Gramsci**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FISHER, D. J. Sigmund Freud and Romain Rolland: The Terrestrial Animal and His Great Oceanic Friend. **American Imago**, v. 33, n. 1, p. 1–59, 1976.

FOÀ, P. Idealità giovanili. **La Voce**, v. 9, n. 10/02/1910, 1910.

FOREL, A. Due parole sulla questione sessuale. **La Voce**, v. 9, n. 10/02/1910, 1910.

FRANCIONI, GIANNI. **L'Officina Gramsciana: Ipotesi sulla struttura dei "Quaderni del carcere"**. Napoli: Bibliopolis, 1984.

FRANCIONI, GIANNI. Nota Introduttiva. In: **Quaderni del Carcere: Edizione Anastatica dei Manoscritti**. [s.l.] Istituto Della Enciclopedia Italiana e L'Unione Sarda, 2009. v. 6.

FRANCIONI, GIANNI. Un labirinto di carta (Introduzione alla filologia gramsciana). **International Gramsci Journal**, v. 2 (1), p. 7–48, 2016.

FRANK, J. **Pelo prisma russo. Ensaios sobre literatura**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1992.

FRESU, G. **Antonio Gramsci, o Homem Filósofo**. 1. ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2020.

FREUD, S. **Letters of Sigmund Freud. Selected and edited by Ernst L. Freud. Translated by Tania and James Stern.** New York: Basic Books inc., 1960.

FREUD, S. **A História do Movimento Psicanalítico, Artigos sobre Metapsicologia e Outros Trabalhos.** Rio de Janeiro: Imago LTDA, 1974. v. XIV

FREUD, S. **O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936).** [s.l.] Companhia das Letras, 2010.

FREUD, S. **Conferências Introdutórias à Psicanálise (1916-1917).** São Paulo: Companhia das Letras, 2014a. v. 13

FREUD, S. **Inibição, Sintoma e Angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929).** São Paulo: Companhia das Letras, 2014b.

FROSINI, F. Sulle “spie” dei “Quaderni del carcere”,. **International Gramsci Journal**, v. 1 (4), p. 43–65, 2015.

GAY, P. **Freud: uma vida para o nosso tempo.** São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GRAMSCI, A. Discorso agli anarchici. **L’Ordine Nuovo - Rassegna settimanale di cultura socialista**, 10/04 1920a.

GRAMSCI, A. Il Partito Comunista. **L’Ordine Nuovo - Rassegna settimanale di cultura socialista**, v. Anno II, n. 15, 4 set. 1920b.

GRAMSCI, A.; SCHUCHT, T. **Lettere (1926-1935).** Torino: Giulio Einaudi editore, 1997.

LACLAU, E. **A Razão Populista.** 1. ed. São Paulo: Três Estrelas, 2013.

LIGUORI, G. **Gramsci’s Pathways (Sentieri gramsciani).** Boston: Brill, 2015. v. 102

LIGUORI, G. **Ordine Nuovo (L’)Dicionário Gramsciano.** São Paulo: Boitempo Editorial, 2017.

LIGUORI, G. **GRAMSCI E I CONSIGLI NEL “BIENNIO ROSSO” 1919-1920.** In: SEMINARIO ON LINE: GRAMSCI, I CONSIGLI DI FABBRICA, IL BIENNIO ROSSO (IGS ITALIA, 18 DICEMBRE 2020). IGS Italia, 2020. Disponível em: <<http://www.igsitalia.org/images/G.-LIGUORI---Gramsci-e-i-Consigli-nel-biennio-rosso-1919-1920.pdf?fbclid=IwAR1MjAfH8Hrau2V-K0r4O5FHbCGQTQDo1caUurKUEmkcQhfS5lwD1UzVWpo>>

MACHADO, M. G. GRAMSCI E OS CONSELHOS DE FÁBRICA (1919-1920). **Revista Praxis e Hegemonia Popular**, v. ano 4, n. n. 4, p. 67–81, 2019.

MANCINA, C. Un grande revisionista. **L'Unità**, 1991.

MANIAKAS, G. F. A psicanálise nos primeiros tempos da Rússia Soviética. **Revista Discurso**, v. 49, n. 1, 2019.

MELONI, M. Una impossibile intimità: Gramsci, Freud, La psicoanalisi. **Associazione “Casa Natale” Gramsci, Antologia Premio Gramsci**, n. X, 2009.

MEZZINA, D. **Henri De Man Dicionário Gramsciano**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2017.

MICHELS, R. **Sexual Ethics: A study of Borderland Questions**. Nova York: Charles Scribner's Sons, 1914.

MILLER, M. Freudian Theory under Bolshevik Rule: The Theoretical Controversy during the 1920s. **Slavic Review**, v. 44, n. 4, 1985.

MILLER, M. The Reception of Psychoanalysis and the Problem of the Unconscious in Russia. **Social Research**, v. 57, n. 4- Reception of Psychoanalysis, 1990.

MILLER, M. **Freud e los bolcheviques. El psicoanálisis em la Russia Imperial y em la Unión Soviética**. 1. ed. Buenos Aires: Nueva Visión, 2005.

MUSSI, D. **Socialismo e Liberalismo antes do Fascismo: Antonio Gramsci e Piero Gobetti**. 1. ed. Porto Alegre: Editoria Zouk, 2020.

PASQUALINI, M. From the Sexual Question to the Praise of Prostitution: Modernism and Sexual Politics in Florence, 1908-1914. **Journal of the History of Sexuality**, v. 21, n. 3, 2012.

PASQUALINI, M. Un enigma llamado Agostino Gemelli: catolicismo, fascismo y psicoanálisis en la Italia de entreguerras. **História, Ciências e Saúde**, v. 23, 2016.

ROLLAND, R. Le Sacrifice d'Abraham. **L'Humanité**, 19 mar. 1920.

SOREL, G. Il valore sociale della castità. **La Voce**, v. 9, n. 10/02/1910, 1910.

SPRIANO, P. Come quella “massima” arrivò fino a Gramsci. **Corriere della Sera**, 29 out. 1984.

TROTSKY, L. **Literatura e Revolução**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969.

TROTSKY, L. **Minha Vida: ensaio autobiográfico**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, [s.d.].

VACCA, G. **Vida e pensamento de Antonio Gramsci**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

VOZA, P. **Intelectuais Orgânicos** **Dicionário Gramsciano**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2017.

ZETKIN, C. **Reminiscences of Lenin. Dealing with Lenin's views on the position of woman and other questions**. London: Modern Books Limited, 1929.